

notas de
biblioteca
#18

GOVERNO DO
ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA CULTURA,
ECONOMIA E INDÚSTRIA
CRIATIVAS

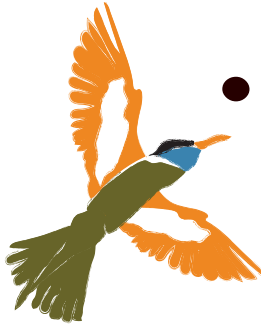
*



Reninição pela leitura

notas de
biblioteca
#18

*



Reminção pela leitura

R387 Remição pela leitura / Organizado por SP Leituras. – São Paulo: Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, SP Leituras, 2025.

10.2 MB ; PDF. – (Notas de Biblioteca; 18)

ISBN 978-65-89169-64-2

1. Remição pela leitura. 2. Mediação de leitura. 3. Clube de leitura. 4. Políticas públicas de leitura. I. Título. II. SP Leituras. III. Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo. IV. Série.

CDD 365.66

Ficha catalográfica elaborada por Angela Rocha de Macedo - CRB 8-6957

Índices para o catálogo sistemático

1. Educação e atividades culturais em prisões 365.66

2. Leitura em contextos especiais 028.9

EXPEDIENTE

Coordenação executiva: Melissa Lenz (MTb: 87.769/SP)

Edição: Marcos Kirst

Preparação de textos: Stella Florence

Revisão: Luciana Secco

Projeto gráfico: Luca Fernandes

Direção de arte e diagramação: Passarim Design&Barulho

Ilustração (capa): Aline Bispo

Produção: Beatriz Almeida e Nathalia Alves Chaves

Textos: Alexandre Amaro, Café Literário, Ciro Athayde Barros Monteiro, Claudia Rosenberg Aratangy, Emilia Freitas de Lima, Gih Trajano, Janine Durand, Luciana Gerbovic e Sílvia Nassif Del Lama

Fotos: Arquivo pessoal

Os artigos desta edição são de responsabilidade exclusiva de seus autores, não refletindo necessariamente a posição da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, do SisEB ou da SP Leituras. © 2025 – SP Leituras – www.spleituras.org

Leituras que valem a pena



NOTAS DE BIBLIOTECA chega à sua 18ª edição totalmente revigorada, com os projetos gráfico e editorial renovados, mais alinhada à sua missão e atenta às questões ambientais e de sustentabilidade.

Ao longo de sua trajetória, consolidou-se como uma publicação de referência para bibliotecários, gestores e demais profissionais de biblioteca, além de docentes, estudantes e pesquisadores no Brasil e no exterior, sempre abordando temas relevantes para o setor.

Nas próximas páginas, o leitor encontrará boas notícias vindas de um universo pouco conhecido e, muitas vezes, injustamente visto como indesejável, árido ou perigoso, mas que é capaz de abrigar inúmeras virtudes.

É no ambiente carcerário, um lugar de privação de liberdade, onde as relações humanas tornam-se ainda mais complexas e a esperança se dilui no lento passar das horas, que estamos encontrando exemplos de transformação de indivíduos em cidadãos por meio dos livros.

O escritor português José Saramago tinha uma visão transcendental da leitura. Atribuía-lhe quase um superpoder, dizia que “é provavelmente uma outra maneira de estar em um lugar”.

O autor reconhecia o mérito da literatura em nos transportar para outros mundos para habitar outras realidades.

Marcel Proust, autor do clássico *Em busca do tempo perdido*, entendia a leitura como uma experiência de descoberta interior. Essa imersão é sempre transformadora pelas verdades que revela sobre os caminhos incertos que passam a ser vistos com novos olhos.

Os ensinamentos herdados pela literatura do passado e do presente têm servido para iluminar o futuro da humanidade. Desse modo, políticas públicas implementadas a partir dessa premissa proporcionam experiências de transformação individual que repercutem em diferentes segmentos da coletividade, promovendo oportunidades de inclusão e de reafirmação da cidadania.

Homens e mulheres de diferentes idades e estratos sociais que cumprem penas de privação de liberdade por seus delitos têm sido assíduos frequentadores dos clubes ou das rodas de leituras que acontecem intramuros.

As ações de remição de pena pela leitura previstas na Lei de Execuções Penais e realizadas pela *Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo*, por meio do *Praler – Prazeres da Leitura*, programa do *Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo*, em parceria com a *SP Leituras – Associação Paulista de Bibliotecas e Leitura* e o *Remição em Rede*, têm resultados que sempre superam as expectativas. Note os casos dos internos Carlos e Rodrigo, que você encontrará mais adiante.

Como em todas as modalidades de remição de pena previstas em lei, inicialmente os internos são atraídos pela oportunidade de obter a liberdade antes do cumprimento integral da sentença. Entretanto, os grupos de leitura tornam-se espaços de acolhimento e conexão, de trocas de experiências e de fortalecimento de vínculos com mediadores e outros participantes.

Algum tempo depois, a prioridade inicial cede lugar ao desenvolvimento do pensamento crítico, à empatia, ao fortalecimento da autoestima e da autonomia. Para solucionar desafios e remover obstáculos à reintegração social, a cognição adquirida pela leitura é um recurso sem igual.

É a literatura operando silenciosamente para o renascimento da esperança que oferece um novo sentido à vida e aproxima a liberdade daqueles que mais precisam.

Em todos os sentidos, são leituras que valem a pena!

*Secretaria da Cultura, Economia e
Indústria Criativas do Estado de São Paulo*

Sumário



*

8

Remição pela leitura

Gih Trajano

12

Nas tranças do tempo: clubes de leitura e seus afetos

Janine Durand e Luciana Gerbovic

21

Clube de leitura na prisão: livro e remição como caminho para liberdade

Ciro Athayde Barros Monteiro

30

Leitura e Liberdade: a experiência do projeto Repaginando em presídios femininos

Sílvia Nassif Del Lama e Emília Freitas de Lima

47

Literatura e cárcere, para quê?

Café Literário

58

Os desafios do trabalho com leitura em ambientes prisionais brasileiros

Alexandre Amaro

68

Pareceres de leitura: como uma avaliação pôde se transformar numa conversa afetiva e formativa

Claudia Rosenberg Aratangy



Reminção pela leitura

*

Gih Trajano

Ela desceu as escadas, com seus passos habituais,
De chinelos e meias brancas.
Nos braços, quase escondido, um livro.
Uma barganha silenciosa, um sonho permitido.

Ler um livro, resenhar, e assim, quatro dias
a menos na pena, ganhar.
Contou às companheiras quase com malícia.
Seria a remição mais fácil que conseguiria.

Começou e viu que se enganou.

Persistiu, se encorajou.

Primeiro, o mundo de palavras a se acostumar,
Depois, o cheiro mofado a se dissipar.
Um raio de sol cegou seus olhos, e ela sonhou,
Saiu da cela, livre, sem ajuda, ela voou.

Viu dois garotos que se falavam através de uma
cerca de arame farpado,
Controlou a respiração, pois do nada um frio
tomou seu corpo.

Desejou intervir naquela conversa, mas o destino
já estava traçado,
Na trama da ficção, ela se reconheceu.

Dias a fio olhando aquelas páginas intrigantes,
Reconheceu naquela escrita opressão, maldade
e sonhos constantes.

Terminou o livro, olhou ao redor, se viu,
Na grade, na cela, no frio, no silêncio, no ruído.

Pegou a caneta, escreveu com surpresa,
Esqueceu como as palavras trazem
e produzem mudanças.
Corrigiu sua fala, sua postura, se encheu de esperança,
Transformou sua história, deu-se uma nova chance.

Hoje dialoga, conhece história e pesquisa,
Sobre o mundo, a vida, a alma que avisa.
Entregou sua resenha, pegou um novo livro e partiu
para outra viagem,
Agora, uma viajante dos livros cheia de esperança
e coragem,

Já não os esconde mais.

Perguntou à mediadora, com brilho no olhar,
Que nome se dá a quem pelo mundo quer viajar?
Gostou de “cosmopolita”.

Não vai mais ao clube de leitura pela remição.
Espera pela transformação que ela traz.

Pois na literatura, ela encontrou o caminho
para liberdade,
Não mais pela barganha, e sim pela liberdade adquirida
ao virar de cada nova página.

Gih Trajano
Alcançada pelas páginas da liberdade.



Gih
Trajano



É uma mulher preta, que passou pelo sistema penal e, por isso, é atuante para a Abolição do Sistema Penal. É escritora, poeta, palestrante, *slammer freestyle* e improvisa desde que nasceu. Atualmente, é assistente-administrativa do projeto *Remição em Rede* e parecerista de resenhas no Grupo Mulheres do Brasil.

Nas tranças do tempo: clubes de leitura e seus afetos

*

*Janine Durand e
Luciana Gerbovic*

*Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei.*

GILBERTO GIL

Somos seres coletivos, interdependentes, estamos interligados, conectados, permanentemente agindo em relação a algo ou a alguém. Projetos, ações, marcas, rastros, partículas de desejos e sonhos são motores para realizações ou energia deixada como legado, no tempo que nos foi destinado viver. Não há isolamento possível, por mais que queiramos nos apartar, silenciar, distanciar, afetamos e somos afetados a todo momento pelas ações individuais e coletivas. Já dizia Paulo Freire “viver é um ato político”, então a pergunta que nos atravessa é “o que nos move?”. Ou ainda, “o que nos move para os ambientes de privação de liberdade, o que nos comove?”.

Para além do direito à literatura, dos direitos humanos, da democracia cultural, do nosso amor pelo encontro entre pessoas em torno do livro e do compromisso com o fomento de clubes de leitura como ação política suprapartidária nos mais diversos cenários, atuar no cárcere nos revela o mais profundo da nossa dimensão humana. Um espelho, muitas vezes difícil de olhar, que nos mostra quem somos e como nos organizamos socialmente, incluindo todo o pacote de violências estruturais que permeiam o nosso dia a dia. Temos a ilusão de estarmos imunes a essas estruturas, mas somos todos vítimas de um sistema doente, apesar dos números nos mostrarem que uns são imensamente mais afetados que outros.

De acordo com dados provenientes principalmente do Sistema Nacional de Informações Penais (Sisdepen), em 2024, nossa população carcerária, incluindo celas físicas e prisão domiciliar, era de mais de 900 mil pessoas (909.594), ou seja, a terceira maior população do mundo. Dessas pessoas, 94% são homens; 68,7% são negras; mais da metade tem até 34 anos; 42,65% não têm o ensino fundamental completo e somente 1% tem ensino superior¹.

{ Por favor, não parem de levar os clubes de leitura para dentro do sistema prisional, mudou minha vida, quero que mais pessoas tenham esta chance
Áudio do ex-interno Daniel às mediadoras

Ou seja, basta olhar os números para entender que algumas pessoas realmente são mais afetadas pelas nossas violências estruturais que outras. Nas palavras de Juliana Borges, “Em qualquer pesquisa sobre desigualdades no país – seja da incidência da violência, da cobertura do saneamento básico, do acesso à moradia própria e digna, da cobertura de saúde ou da presença em trabalhos precários –, a população negra será o grupo dominante da base da pirâmide social. Afinal, um processo de marginalização e controle demanda a consolidação das vidas negras como precárias. As prisões, como máscaras de silenciamento e apagamento contemporâneo, têm um papel de centralidade nas dinâmicas de dominação”.²

Mas onde há gente, há trevas e luz. O cárcere tem nos revelado também o quanto o ser humano é propenso à beleza e à luminosidade quando há acesso a direitos e o quanto a arte – neste caso, a literária e a dos encontros – vem sendo um campo fértil para que as pessoas possam se desenvol-

ver em sua máxima potência. Para que a beleza surja e o campo dos sonhos nos ilumine, é preciso mediação, olho no olho e afetos.

O programa *Remição em Rede* atua, desde 2017, em parceria com diversas instituições, para possibilitar que mais espaços de respiro, prazer, diálogos e alargamentos possam se instalar no cárcere e que pessoas privadas de liberdade possam acessar um direito básico, o da literatura, e, também, o da remição de pena pela leitura. Entretanto, para além de fazer valer as leis e os atos normativos, nossa prioridade é a formação de leitores e a implementação de um espaço disponível para a arte e o prazer, sem funcionalidade ou instrumentalização: nossa intenção é a fruição literária, o diálogo democrático e a troca de sensações e saberes entre os participantes.

Garantir que cada pessoa possa acessar o livro, ler literatura dentro da perspectiva da bibliodiversidade³, se sentar em círculo, identificar encantamentos, sensações, perceber novos conhecimentos e culturas e, a partir disso, dizer a sua palavra e ser escutado, tudo isso dentro de um espaço cinza e cheio de grades, que não foi pensado para reverberar belezas, é revolucionário.

Longe de estarmos em consonância com o encarceramento e a lógica social punitivista, acreditamos que o *Remição em Rede* é uma proposta de redução de danos e garantia de direitos, além de uma resposta afetiva e solidária ao embrutecido sistema que temos estruturado.

1 <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMDY2ODEzOTgtYmJlMy00ZmVhLWlweMTetMTjZDQwZWRIYjdhIiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9> – acesso em 10 de junho de 2025.

2 BORGES, Juliana. *Prisões: Espelhos de nós*. São Paulo: *Todavia*, 2020, p. 23.

3 *Diversidade de gêneros literários, temas, editoras, época de publicação, nacionalidade e gênero de autores e autoras*.

Somos educadoras e, portanto, nossa revolução se pauta na esperança de que os processos educativos podem imprimir na vida de sujeitos, sejam eles privados de liberdade ou não, novas perspectivas de olhar para si e para o mundo. Apostamos no laço social e na transformação por meio dos clubes de leitura, e quando afirmamos essa transformação, isso nos inclui. Somos parte desta sociedade, e nutrimos cada clube de leitura, cada ação nos presídios, com pleno respeito e cuidado para cada pessoa que aceita o nosso convite e se propõe a vivenciar uma experiência individual e coletiva ao mesmo tempo.

A trajetória dos clubes de leitura nos presenteia invariavelmente com experiências profundas como a que tivemos ao ler *A vida pela frente*, de Romain Gary, no regime semiaberto da penitenciária masculina de Tremembé. Um dos participantes do clube refletiu sobre a contradição entre a insegurança e o desejo quando pensava nessa “vida pela frente” fora do presídio. Após 13 anos de privação de liberdade, o que ele mais desejava era ver o mar, abraçar seus amores na hora em que quisesse, rir à toa porque poderia dormir em uma cama quentinha dentro de uma casa acolhedora, acompanhar o filho ao cinema após pegá-lo na escola, mas todas essas expectativas estavam misturadas com o medo de que as pessoas evitassem se relacionar com um egresso do sistema ou com a angústia de pensar que seus familiares poderiam sentir vergonha ao andar com ele na rua. Também o preocupava muito a dificuldade que seria arrumar um emprego. Em meio às reflexões contraditórias e à emoção de se ouvir falando alto e compartilhando cada palavra, somos interrompidos por um grito: “Daniel, pegue suas coisas, você vai embora”, e ele sem acreditar “não brinque comigo... é verdade, estou livre?”, e sim, o carcereiro respondeu “não tenho muito tempo a perder, vamos, pegue suas coisas”. Choramos todos: uma outra vida pela frente seria possível e o aguardava.

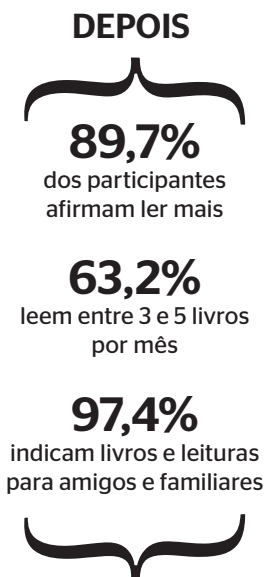
Tempos depois, recebemos mensagens de Daniel. Através de um áudio emocionado, ele nos contou que seus conhecimentos literários e o repertório atual o haviam levado a um excelente emprego, ele se sentia sortudo e nos fez apenas um pedido: “Por favor, não parem de levar os clubes de leitura para dentro do sistema prisional, mudou minha vida, quero que mais pessoas tenham esta chance”. Será que Daniel sabe que o princípio dos direitos humanos é desejar para o outro o que há de mais importante para si?

Nossa revolução se pauta na esperança de que os processos educativos podem imprimir na vida dos sujeitos novas perspectivas

A pesquisa feita pela SP Leituras para o PraLer, dentro da Penitenciária Masculina de Tremembé, demonstra alguns resultados dos dois primeiros anos da implementação da abordagem metodológica do *Remição em Rede*: 89,7% dos participantes afirmam ler mais, sendo que 28,2% gostam de ler e 59% gostam muito mais de ler, que somados seriam 87,2% que passaram a se conectar com o prazer e o gosto pela leitura. Antes do projeto ter início, 15,4% dos participantes declararam que não liam nenhum livro por mês e os que liam entre 3 e 5 livros estavam na métrica de 20,6%, sendo que essa marca se elevou para 63,2%, ou seja, o ganho de prazer pela participação nos clubes de leitura mais que triplicou a busca por livros na biblioteca e zerou o número de não leitores participantes do projeto. Vale ressaltar que 97,4% indicam livros e leituras para amigos e familiares, o que demonstra que, quando um leitor se forma e se encanta com a leitura literária, ele deseja que esse

mesmo sentimento de alegria se estenda a quem lhe é mais caro, essa influência se amplia para outras comunidades, vai se construindo um fluxo virtuoso e afetivo que expande o gosto pela leitura e multiplica a garantia de direitos para além dos muros da unidade prisional. Uma parente que soube do clube de leitura nas visitas, por exemplo, acabou montando um com as amigas e hoje já são mais de 20 participantes. Todos esses retornos também nos mostram que os assuntos durante tais encontros passam pela literatura, o que dá uma outra qualificação a esse momento tão delicado e cheio de contradições.

A pesquisa feita pela SP Leituras para o PraLer, dentro da Penitenciária Masculina de Tremembé, demonstra alguns resultados dos dois primeiros anos da implementação da abordagem metodológica do *Remição em Rede*:



É importante ressaltarmos que não estamos falando de exceções. Há quase uma década e meia dentro do sistema prisional e fora dele, vemos na prática como o direito à literatura é estruturante, propiciando que cada pessoa expanda seu processo reflexivo, nomeie sentimentos, desejos, questões próprias e coletivas. Ele permite ainda a possibilidade de se sonhar de maneiras que antes nunca foram pensadas, além de aumentar a capacidade de subjetivação. O clube de leitura, portanto, não é “só” esse espaço de fruição, é uma experiência cidadã, de fala e escuta, de respeito às diferenças, aprendizagens e trocas de saberes, acolhimento e descoberta de novos afetos. Tudo isso somado, quando há abertura e desejo, torna possível a cada pessoa ver o mundo com olhos atentos, caminhar com mais firmeza em terrenos arenosos, saber-se único, ainda que pequeno, no espaço-tempo da vida. E sim, tornar-se sujeito, sentir-se profundamente humano, em um mundo que a cada dia acelera a nossa desumanização e nos quer objetos.

Os clubes de leitura ampliam um saber que alarga a concepção de comunhão e compõem a possibilidade de sonhar os espaços de delicadeza e afetos. Nos faz enxergar que a conexão com o outro, mediada pela arte, pode dilatar infinitamente nossa capacidade de Ser e estar neste mundo.

Voltamos às perguntas, porque elas nos orientam mais que certezas ou respostas únicas. O que queremos imprimir no nosso tempo? Se o tempo é rei ou rainha, seremos nós súditos? Ou nos curvar a ele nos permite enxergar com mais nitidez a urgência em nutrirmos relações solidárias, horizontais, potentes?

O tempo dirá quais foram as melhores escolhas, entretanto, perceber no momento presente, a cada ida ao cárcere, que pequenas fagulhas de beleza e esperança

se espalham pelos componentes do clube de leitura e são perceptíveis aos olhos de quem sabe ver e sentir, nos comove. Essa energia se junta e se fortalece quando outras iniciativas insistem em comungar e se afetar por princípios similares.

Saber que existimos e resistimos a cada dia, pela reafirmação de nossos sentidos ampliados pelos encontros, ilumina o nosso compromisso e nos encoraja a seguir experimentando imprimir novas tecituras sociais em um lugar improvável como o cárcere. Quem sabe, com sorte, estamos compondo coletivamente “novas formas do viver”.

Janine
Durand



Luciana
Gerbovic



Educadora, fundadora da Jnana Consultoria - Educação, Cultura e Redes. Com experiência na implantação de centenas de clubes de leitura e na formação de cerca de 3 mil mediadores, é parceira da SP Leituras no PraLer e EAD de Formação de Bibliotecários, articuladora e coarticuladora do programa *Remissão em Rede* (parcerias PraLer, H360 e Voo literário), e mediadora do Vozes Femininas da BIBLION e do Estantes Prediletas pela *Revista Emília*. Coautora do livro *Clubes de Leitura: uma aposta nas pequenas revoluções* (Solisluna/Selo Emília, 2024).

Graduada em Comunicação Social e Mestre em Direito. Advogada, mediadora de clubes de leitura há 15 anos, professora de leitura e escrita literária e formadora de mediadoras desde 2019. Sócia-diretora da Escrevedeira Centro Cultural Literário e fundadora da Literatura Eh Direito. Presta serviço para diversas empresas e entidades na área de clubes de leitura e formação de leitores. Coautora do livro *Clubes de Leitura: uma aposta nas pequenas revoluções* (Solisluna/Selo Emília, 2024) e autora do romance *A maior mentira do mundo* (Quelônio, 2024).

Clube de leitura na prisão

livro e remição
como caminho
para liberdade

*

Ciro Athayde
Barros Monteiro

“Olha seu Ciro, não dá pra abrir a biblioteca à noite, não. Eu sozinho não dô conta, é muito preso e eu não consigo acompanhar. Não cabe na biblioteca e eles começa a olhar o livro e quando eu olho, ele já está longe, já aconteceu várias vezes isso” (DIÁRIO DE CAMPO, MAIO, 2019)

O relato acima é sobre um dia comum em uma penitenciária de regime semiaberto, no interior de São Paulo. Eu, funcionário da prisão¹, responsável pela biblioteca, educação e atividades de incentivo à leitura, conversava com um educando² que trabalha na Fundação Prof. Dr. Manuel Pedro Pimentel (FUNAP), instituição que coordena ações de trabalho e educação dentro dos presídios de São Paulo.

Estávamos preocupados com os que trabalham durante o dia e, por isso, não tinham acesso à biblioteca (o regime semiaberto permite que a pessoa deixe o presídio durante o dia para trabalhar fora e retorne para dormir). Naquele momento, a solução foi permitir a retirada do livro por um terceiro para que todos tivessem a possibilidade de ler à noite, após o trabalho externo.

A realidade virtuosa chega a causar espanto em muitas pessoas quando são informadas que as bibliotecas em presídios no interior de São Paulo emprestam muito mais livros que a maioria das bibliotecas públicas do país.

Há multifatores para esse crescimento de empréstimos dentro da prisão, como por exemplo, o fato de que os educandos quando em liberdade não tinham acesso a outros dispositivos informacionais, e na prisão, paradoxalmente,

isso é alterado; tanto pelo aumento de tempo ocioso como pela oferta de mais livros distribuídos pelo departamento penitenciário nacional nos últimos anos, e principalmente, pela possibilidade de remição de pena por meio da leitura. Esses fatores colocam o livro em uma posição de destaque no ambiente prisional.

A ideia aqui é refletirmos acerca dos clubes de leitura e de que maneira a remição de pena por meio da leitura pode potencializar a participação dos educandos nessas rodas/encontros.

É importante abordar as transformações da legislação desde a constituição de 1984, quando a lei de execução penal estabeleceu o benefício por estudo e trabalho, ainda que não houvesse regulamentação.

Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) publicou a Recomendação nº 44, de 26 de novembro, que “Dispõe sobre atividades educacionais complementares para fins de remição da pena pelo estudo e estabelece critérios para a admissão pela leitura” (Brasil, 2013).

Foi um grande avanço, pois a recomendação elencou uma série de atividades de cunho educativo e cultural que poderiam ser utilizadas para redução do prazo de encarceramento. Essa orientação merece destaque porque o CNJ propõe aos Tribunais de Justiça a adoção de critérios para projetos de remição pela leitura nos estabelecimentos

1 Fui Agente de Segurança Penitenciária por 9 anos, funcionário do setor de Educação, bibliotecário e tenho vínculo com o sistema prisional há 15 anos. Antes de me tornar funcionário da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP), lecionei 1 ano no ensino regular na prisão por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

2 Utilizo o termo “educando” e não “reeducando” para me referir à pessoa em cumprimento de pena privativa de liberdade, na medida em que entendo ser a maioria dessas pessoas desprovidas dos acessos educacionais básicos, ou seja, eles não receberam o mínimo de acesso ao capital cultural essencial para manutenção de uma existência com mais qualidade de vida, seja por carência de estrutura familiar ou por ausência do Estado e de políticas públicas satisfatórias.

penais. A cada obra literária, científica ou filosófica, lida e resenhada, o apenado pode ter quatro dias de sua pena reduzidos, limitado ao máximo de 12 obras por ano, ou seja, até 48 dias anuais.

Em 2021, o CNJ publicou a Resolução nº 391, de 10 de maio, que estabelece a remição penal por meio de práticas socioeducativas em unidades de privação de liberdade. Essa resolução revogou a Recomendação nº 44, ampliando as possibilidades para práticas socioeducativas não escolares e a leitura de obras literárias. Sobre as práticas não escolares: “[...] atividades de socialização e de educação não escolar, de autoaprendizagem ou de aprendizagem coletiva, assim entendidas aquelas que ampliam as possibilidades de educação para além das disciplinas escolares, tais como as de natureza cultural, esportiva” (Brasil, 2021, p. 3).

“O livro me fez ver que o inimigo era o crime, e eu iria me libertar”
Carlos, graduado em Direito, interno por 6 anos, leu mais de 200 livros

Na nova Resolução, a atividade de leitura passou a ser de caráter voluntário e realizada com as obras literárias do acervo da biblioteca, sem a necessidade de participação de pessoas encarceradas em projetos específicos para esse fim. Uma vez comprovada a leitura e com a aprovação do relatório de leitura, o leitor ou a leitora terão o direito de remir a quantidade de dias correspondentes aos livros lidos. Fiz essa breve síntese da legislação em relação à redução de pena por leitura para que seja possível compreender a importância dessa lei para que os clubes prosperem dentro do sistema prisional.

Quanto à existência desses espaços de potência que são os clubes, um método que me auxiliou no registro desses momentos foi a etnografia. Para registrar as dinâmicas de leitura no clube, essa ferramenta é primordial porque nasceu da necessidade dos filósofos sociais do século 19 e início do 20 de contestarem as especulações acadêmicas. Viram a necessidade de trabalhar com um método próprio para entender como viviam as pessoas reais apoiando-se na experiência de campo, essencial para compreender a realidade humana vivida (Angrosino, 2009).

A etnografia pode ser definida como “[...] a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (Angrosino, 2009, p. 30). O método pressupõe que o pesquisador entre em contato com o universo de pesquisa, possa comparar as teorias e sair com um novo modelo de entendimento.

É nos encontros do clube de leitura que o diário de campo é utilizado como instrumento essencial do método etnográfico, pois é por meio dele que o pesquisador registra toda sua experiência e imersão no campo, sendo possível registrar detalhes tanto do universo de pesquisa como dos traços e comportamentos culturais de um grupo social. O diário de campo é um dos principais ofícios do etnógrafo: “[...] parte expressiva do ofício do etnógrafo reside na construção do diário de campo. Esse é um instrumento que o pesquisador se dedica a produzir dia após dia ao longo de toda a experiência etnográfica” (Weber, 2009, p. 158).

Em 2009, quando comecei a trabalhar com leitura na prisão, a efetividade do cumprimento da lei para remição por leitura era inexistente, ao menos no interior de São Paulo. Apesar da existência da LEP e da possibilidade de utilizar ações educativas em benefício dos apenados, não havia estrutura adequada para efetivar os processos nas unidades.

Ainda que eu ficasse encantado com os encontros espontâneos do clube de leitura quando não tínhamos formalizado a nossa estrutura, essa lógica não fazia sentido quando refletimos acerca da superlotação dos presídios. Portanto, toda e qualquer ferramenta que auxilie no desencarceramento deve ser aplicada e ampliada.

Nesse período, realizávamos os encontros dos clubes sem a possibilidade de utilização da leitura como forma de redução penal. Confesso que eram prazerosas essas experiências, pois os educandos participavam de maneira espontânea, sem qualquer tipo de interesse para além dos relacionados aos prazeres da leitura.

Tempos depois, conseguimos parcerias e estruturamos um espaço físico para realização dos encontros do clube de leitura. Eram realizados quatro encontros mensais, todos direcionados à escrita das redações e avaliações.

Nesse sentido, mesmo que o educando busque o clube apenas com o interesse de remir a pena, surge a grande oportunidade de inserção dele no mundo da leitura.

Como mediador, em todas as rodas, eu perguntava “quem está lendo um livro pela primeira vez?”. A resposta era sempre de 30% a 40% dos participantes. Entre muitos outros, podemos destacar como exemplo da potência da leitura dentro da prisão, o advogado Carlos Andrade. Ele ficou 6 anos cumprindo sua pena e redescobriu a leitura. Participou ativamente dos nossos encontros e leu mais de 200 livros em 5 anos. Segundo ele: “o livro me fez ver que o inimigo era o crime, e eu iria me libertar” (Penha, 2018, p. 239).

Nesses anos de mediação de clubes de leitura, uma das vivências que me chama bastante atenção é a do educando que nomeio como Rodrigo. Convidado para compor a nossa equipe de monitores de educação após vencer um campeonato interno, Rodrigo tem uma história impactante: com 35 anos de idade, já cumprira 17 anos de sua pena. Foi analfabeto até

os 20 anos e jamais havia frequentado uma escola até decidir estudar na prisão. Alfabetizou-se, concluiu os ensinamentos fundamental e médio, pegou gosto pelo estudo. Começou a participar do clube de leitura com grande destaque.

Em conversa após um dos nossos encontros, quando refletíamos sobre a existência da vida baseados na obra *Borboletas da alma*, do escritor Drauzio Varella, Rodrigo ficou impactado com a informação científica que acabara de ler, ou seja, em uma perspectiva evolucionista, Drauzio abordou o surgimento da vida a partir de moléculas. Essa ideia contrastava com todo o conhecimento que ele tinha sobre o surgimento da vida.

A leitura é uma das mais poderosas ferramentas de transformação pessoal e social. No contexto do sistema prisional, ela assume um papel ainda mais relevante

Após ler sobre as “moléculas replicantes”, Rodrigo entrou em transe, sua vontade era gritar ao mundo sobre sua nova descoberta. Tivemos longas conversas a respeito do assunto e, no dia do clube de leitura do livro *Borboletas da alma*, o debate se estendeu por longos 40 minutos entre criacionismo x evolucionismo, e Rodrigo afirmava convictamente que “somos moléculas replicantes” (Diário de campo, junho, 2019).

A leitura é uma das mais poderosas ferramentas de transformação pessoal e social. No contexto do sistema prisional, ela assume um papel ainda mais relevante ao funcionar como instrumento de autonomia, visualização de outras possibilidades do mundo para além do cárcere e ferramenta de redução da pena.

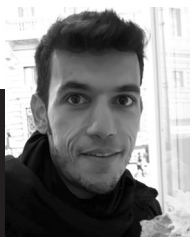
Muito além da função pragmática de reduzir dias de reclusão, a leitura transforma o ambiente prisional e o indivíduo.

O educando que participa de clubes de leitura desenvolve habilidades cognitivas, amplia seu repertório, estimula a criatividade e, muitas vezes, entra em contato com reflexões éticas e existenciais mais profundas.

A implantação de clubes de leitura no sistema carcerário representa um avanço significativo nas políticas públicas que buscam reduzir os impactos do aprisionamento. Embora à primeira vista sejam recursos para a redução de pena, os clubes oferecem oportunidades de evolução e transformação que, com frequência, alteram positivamente trajetórias de vida.

Os clubes de leitura promovem educação, reflexão e humanidade dentro de um espaço historicamente marcado pela exclusão e pela violência. De maneira geral, a remição de pena por meio da leitura é uma política pública que, além de diminuir o tempo de reclusão, contribui para a produção de um mundo mais justo e oferece caminhos para liberdade.

Ciro Athayde
Barros Monteiro



Doutor e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), quando defendeu a primeira tese no Brasil sobre biblioteca e projeto de incentivo à leitura no sistema prisional. Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação e da Documentação da Universidade de São Paulo (USP), Campus Ribeirão Preto, e graduado em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Foi funcionário de prisão por 10 anos e atuou no setor de educação com gestão e execução de unidade informacional e projetos de incentivo à leitura para pessoas em situação de privação de liberdade. Além disso, foi mediador de clubes de leitura, projetos de produção de poesia e arte no interior do cárcere. Há 5 anos, é diretor da Biblioteca Sinhá Junqueira (BSJ) em Ribeirão Preto.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a lei de execução penal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l7210.htm. Acesso em: 15 jan. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. Recomendação nº 44, de 26 de novembro de 2013. Dispõe sobre atividades educacionais complementares para fins de remição da pena pelo estudo e estabelece critérios para a admissão pela leitura. Diário da Justiça: Brasília, DF, p. 2, 27 nov. 2013. Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/1907>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. Resolução nº 391, de 10 de maio de 2021. Estabelece procedimentos e diretrizes a serem observados pelo Poder Judiciário para o reconhecimento do direito à remição de pena por meio de práticas sociais educativas em unidades de privação de liberdade. Diário da Justiça: Brasília, DF, p. 2-5, 10 maio 2021. Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/3918>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Diário Oficial da União: Brasília, DF, p. 10.227, 13 jul. 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm. Acesso em: 10 abr. 2025.

BORGES, J. Encarceramento em massa. São Paulo: Jandaíra, 2019.

MONTEIRO, C. A. B. Informação encarcerada: o jovem da "geração internet" e a mediação e apropriação dos dispositivos informacionais no interior da prisão. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019.

PENHA, D. Gente que inspira: todo mundo tem uma história para contar / Carlos passou seis anos na prisão, 12 anos no crime e hoje é aluno de direito. 1. ed. - Ribeirão Preto, SP: Outras Palavras, 2021.

WEBER, F. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200007. Acesso em 10 jun. 2025.

Leitura e Liberdade

A experiência
do projeto
Repaginando
em presídios
femininos

*

Sílvia Nassif Del
Lama e Emília
Freitas de Lima

Nos últimos 20 anos, a população carcerária feminina cresceu 380% e o Estado de São Paulo concentra um terço das mulheres encarceradas no país, totalizando 8.987 detentas (SAP, 06/2024).

No sistema prisional, as mulheres enfrentam um abandono significativo por parte de familiares e parceiros, em sua maioria, não recebendo visitas e suporte externo, o que agrava ainda mais suas dificuldades. Varella descreve essa situação que permanece, como constatamos em nossa experiência.

O perfil dessas mulheres revela vulnerabilidades sociais profundas: 70% têm entre 25 e 45 anos; 60% são pardas ou negras; 20% estão em prisão provisória; 20% já foram julgadas, mas ainda podem recorrer; e 60% cumprem pena definitiva. Além disso, metade delas possui, no máximo, o ensino fundamental (SAP, 06/2024).

Diante deste cenário de isolamento das mulheres privadas de liberdade (MPL), em 2019, um grupo da sociedade civil (educadoras e leitoras) uniu-se, na cidade paulista de São Carlos, para criar um projeto de rodas de leitura em presídios femininos.

No início de 2023, a iniciativa foi institucionalizada como atividade de extensão da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), ampliando seu alcance com a participação de integrantes dessa universidade. Em 2024, a formalização de um termo de cooperação entre a UFSCar e a FUNAP (Fundação Prof. Dr. Pedro Manoel Pimentel/SP) possibilitou a expansão geográfica do projeto. Atualmente, o *Repaginando* mantém clubes de leitura em funcionamento em três unidades prisionais femininas da região central do Estado de São Paulo: Araraquara, Mogi Guaçu e Ribeirão Preto.

Dois perfis complementares de atuação identificam as voluntárias: mulheres com experiência em educação e disponibilidade de tempo, e jovens em formação na graduação ou pós-graduação. Juntas, elas constroem um espaço de escuta, afeto e ressignificação da leitura – dentro e fora dos muros dos presídios.

O *Repaginando* se ancora fundamentalmente nas concepções de literatura, leitura, educação e mediação. A literatura é entendida no escopo dos direitos humanos como um bem incompressível, de valor equivalente àqueles fundamentais ou compressíveis, tais como casa, comida, instrução, saúde (Candido, 2004).

O autor argumenta que ao ordenar as palavras convertendo-as em uma “coisa organizada”, a literatura se comunica com o nosso espírito, ajudando-o a se organizar e a organizar a nossa visão de mundo. Daí o seu grande poder humanizador, coerente com o objetivo de formação humana proposto pelo *Repaginando*.

É na roda que a maior potência do coletivo emerge e vai muito além do texto, pois é ali que brotam histórias de vida, memórias e reflexões

Em relação à educação, o projeto se inspira no pensamento de Paulo Freire, quando a entende como prática da liberdade; como busca do “ser mais”, da autonomia pessoal e da transformação social; do respeito entre sujeitos/cidadãos na interação professor-educando-conhecimento; de que os seres humanos se educam entre si, em comunhão, mediatizados pelo mundo, por meio de processo dialógico; do diálogo igualitário, sem hierarquização entre os

sujeitos. Assim, trata-se de uma educação problematizadora, emancipadora, ao contrário do que Freire chamava de educação “bancária”, feita de “depósitos” e “retiradas” (Freire, 1968, 1969).

Em consonância com a concepção de educação, a leitura é entendida, na perspectiva freiriana, não como leitura da palavra, mas como leitura do mundo, pautada em problemas reais, com vista à formação da consciência crítica (Freire, 1982).

O processo educativo é mediado por elementos que facilitem a interação entre estudantes e conhecimento. Essa mediação (Vigotsky, 1991) pode se dar por meio de diversos desses elementos: instrumentos (ferramentas físicas), signos (objetos, conceitos, ideias – a linguagem, por exemplo) e pessoas envolvidas no processo educativo (no *Repaginando*, as mediadoras e as leitoras).

Quanto ao operacional, as mediadoras voluntárias conduzem rodas de leitura com até 20 participantes. A primeira mediação ocorre 26 dias após a entrega de exemplares da mesma edição da obra para cada participante.

Nesse encontro inicial, as leitoras compartilham impressões gerais da leitura e, em seguida, o grupo é dividido em dois subgrupos. Um roteiro de perguntas, previamente elaborado pelas mediadoras, orienta a discussão; nele são destacados os principais eventos da narrativa. Duas mediadoras em cada subgrupo se revezam nas perguntas e incentivam a participação das leitoras: as tímidas são encorajadas e as mais extrovertidas, equilibradas na escuta. A conversa procura identificar elementos centrais da obra requeridos no relatório de leitura: narrador, personagens principais e secundários, tempo, espaço e enredo. Terminamos a roda com uma poesia que tenha a ver com o tema do livro do mês. Quando a declamamos, as leitoras ficam tocadas e chegam a pedir para deixarmos o poema com elas.



O bom da escola de leitura
 foi que me chamou muito a
 atenção mentalmente pra leitura
 e debates também muito interes-
 sante e quereros.
 "Leve alguns livros que me fi-
 zeram ver muito também alguns
 e chegar a leitura depois que
 entrei no grupo."

Eu aprendi no clube de
 leitura:
 * existem e existem a opinião
 dos outros
 * que existem várias formas
 de ver, e contar, a mesma
 história ou estória.
 * a me expressar melhor
 verbal sobre o que de um
 texto
 * que por mais simples que
 pareça, existe muitas profun-
 didade por trás de cada pala-
 vra
 * que todas as partes de uma
 são válidas e importantes
 * que se quiser chegar ao
 fim da estória ou história a
 para formar uma opinião
 * ler é viver.

Eu gosto muito
 ler, pois de
 usar nossa in-
 teligência, nos leva
 a experi-
 enciar as coisas
 de uma
 maneira de
 quanto somos
 muitos de
 que na vida
 e impedimento
 Eu ~~peço~~ fi-
 pelo nosso in-
 momento de
 desenvolvermos



Eu aprendi no clube de
 leitura:
 * existem e existem a opinião
 dos outros
 * que existem várias formas
 de ver, e contar, a mesma
 história ou estória.
 * a me expressar melhor
 verbal sobre o que de um
 texto
 * que por mais simples que
 pareça, existe muitas profun-
 didade por trás de cada pala-
 vra
 * que todas as partes de uma
 são válidas e importantes
 * que se quiser chegar ao
 fim da estória ou história a
 para formar uma opinião
 * ler é viver.



A vida
 é muito
 pensar
 cada
 um liv-
 e quan-
 para um
 ver o que
 se limita
 a vida
 em todas
 prechem com
 falamos de
 sentimentos ou
 Também pode
 cura-las Tan-
 Como no livro
 diz que eu tan-
 pois eu não resp-
 que eu Cateu
 o gênio do C
 faz lembrar da
 espírito tão bela inf-
 ficaram profun-
 tamente expostas, a
 não se en-
 mostra
 teve os seus
 me lembro
 sempre a
 e o
 O clube de leitura




O clube de livros me proporcionou momentos
 de aprendizagem da forma mais leve e divertida
 que se pode aprender. Ouvindo as opiniões, deba-
 tando opiniões analisando pois fomos dançando a
 vida ou chorando de cada história imensamente
 que cada livro tem. É ter no meu 4º livro a
 ao terho a agradecer pela oportunidade de poder
 tudo isso enquanto que as mediadoras me trazem
 momentos
 ADS





Mulher, mãe, batalhadora,
forte, resistente, coadivva,
inteligente, um exemplo
a ser seguido e motivo
de inspiração para outras
mulheres. ♡




Carolina - Mãe
Sua obra me faz
reser muitos saberes
Obrigada por essa
Oportunidade de
saber dos valores
pouco que tenho.
Gratidão

Carolina, você é uma
mulher forte, guerreira,
determinada e defensora
dos filhos, retrata a
história de muitas mulheres
que passam pela mesma
situação, seu livro
nos faz pensar como
é difícil criar os filhos
sozinha e o sentimento
que fica no coração de
uma mãe como você.



Carolina, você foi
um exemplo de
mulher, guerreira,
persistente, e me
ensinou que independen-
tente das circunstâncias
nunca desista dos seus
sonhos! ♡

Carolina
muito obrigada por
deixar e quem
sou grata por co-
isas que tenho,
comida digna,
conhecimento tempo
por ser uma mãe
de força e digna
por acreditar no
mulher.
Sou grata por
oportunidade a
uma realidade
além de Parati
de Jesus. ♡



Carolina é que
tendo a dig'ã
assí que tu é
uma mulher
extraordinária
que merece ser
at' mesmo merecer
sp'har o
mundo!

Ola Carolina!
Gostaria utilizar de
humildes palavras de
agradecer, por idividu
como 'um idividu to'o
nico, de caris que o
mundo nunca podera
comparar!
Obrigada por me mostrar
como talvez tudo que
tenho, no ser que sou
nao tenha nada, mais
tenho muito mais que
tu!
Obrigada por me ensinar
que a dificuldade nao é
dificuldade para mim.
Tudo é possível!

Para carolin88 05/14
O queira venha
alguis deste te
dizer o quanto te
admiro,
mulher forte, es
exemplo de vida
para nós mulheres
mas deoira
que luta pelos
filhos pelo bem
estar das coizas
gostaria de-lhe
abraçar e dizer
que me tornei
sua fã.
Que historia de
vida linda
Sofrida mais vo'de

mostra a resistencia
E digo a voce
um abraço negro
um sorriso negro
fazer felicidade
negro, e a cor
da liberdade

Axe' nega
faria esse
o sonho mais
faz dar o gungo
no corpo do bator
o picarceito
e os ap'iculdades
Axe' Axe'

Entre muros e sonhos:
palavras de mulheres
em cárcere ganham luz.
Painel: Thainara Jardim,
Maria Eduarda Xaves,
Maria Julia, Maria Luiza
Maximiano, Carolina
Carvalho e Natália Castilho.
Coordenação: Carla Regina
Silva e Renato Liclento.



Dei Nate Bondi-
na hoje um
userei hoje um
com aquilo de
suquizes de adjeivos
que voce faz
por nunca desistir
de seus sonhos e
sempre correr atris
dos seus projetos
mas, as Brancas
considera-os como
amigos e isso faz
com que eu
acredite que foi
uma mulher
poderosa e fabulosa



Carolina
Nao é uma
querreira, uma
mulher batalhadora
que mostrou que
nao precisa de ninguém
para criar seus filhos. e
nunca desistiu, independ
tudo de

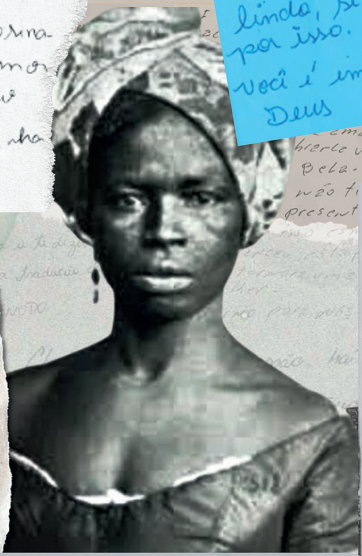
uma
graz
apesar de nós
ter a voz e
abon
simo que são
eles te amen
e lembrarle viva
mãe e ela
co
fome
esta forte
para um zigeno
para nós.



Quem da Clara
Le tua história e me
su prende com tua
história, Você é uma
menina guerreira
e qual a mim, mas

Elas também foi exornada
dos quando tinha 9 anos
fique por muito tempo
querendo saber quem tinha
feito aquilo com ela

der sobre, man
a minha vida
entender
o d' mim
eu sei que
mar de um
forço
te obonece
...
Clara
Como amiga
Estou te enviando
para te falar a
comod, não li
que os outros f
Deus fez a c
um de um
branco, nu
e você fez d
lindo, se
por isso.
Você é imp
Deus



Você foi uma menina muito
corajosa, teve muita atitude
e coragem para poder se que
aconteceu com os seus pais, numa
época, lá na onde o plúm
fazia maradia, onde tudo era
oculto, parabéns Clara!

DENODO Muito...

Clara nunca tinha
Vergonha da sua
cor ou raça.
Porque a mãe brilha tudo
e que as pessoas tem
Por dentro. Você é uma
menina guerreira.
e pode ter certeza
aquele que ti fez tem
Orgulho de Você e

Querida Clara, queria que
soubesse que sua pele e seu cabelo
são lindos.

Queria que tivesse tido a presença
de seus pais, queria que tivesse
recebido todo amor que eles tinham
pra te dar.

Ultima coisa a te dizer Clara, você
é a legítima tradição de,

DENODO



esse bilhete, que você é linda que para os olhos.
gente toda modo
pres, pardes,
uma cor,
sinta privilegiado
tante para



eu nunca dei a mão, mas
hoje ligo minha vida
sem mais entender
por isso o destino vai
menina eu sei que é
de fé, mas Deus
me dá força
Deus te abençoe



que a mãe brilha
aquele passarim
Por dentro, Vozes o tempo
Deroto Clara?

Clara você é uma
menina de garra
deroto (coragem) assim
você vai longe menina,
você enfrenta muitos
problemas, dramas e
mesmo assim não
desistiu.

Muito...
a Jesus...
DENODO



eu nunca dei a
hoje ligo min
sem mais enten
por isso o d
menina eu
de fé, mas
me dá for
Deus te ab

que você possa estar
coragem e força para
sua vida.

Clara
de
Vozes
Coragem
admirar sua vida e ninguém
que se tornou. nada e ninguém
diminuiu a que você é
Denodo e Verdade

oi menina linda e
graciosa apesar de não
ter seus pais você é
abençoado por ter seus
avós mesmo que são
bravos. Eles te amam.
você é lembrada viva
de sua mãe Bela.
eu também não tive
meus pais presente mas
vem por isso esmerci
você venceu esta forte
e se tornou um agra
do mulher.
Adorno para nós.



Palavras como resistência e liberdade. Pannel: Naomy Mayumi, Gabrielle Moro e Barbara Pereira dos Santos. Coordenação: Carla Regina Silva e Renato Locilento.

CLARA
No romance de Ana Cristina Braga Martes, Clara - uma pré-adolescente criada pelos avós em uma casa cheia de histórias - busca reencontrar o passado e reencontrar a si mesma.

Dois dias depois, ocorre a segunda etapa da mediação. As mediadoras revisitam o enredo com o grupo, estimulam a verbalização de críticas pessoais e oferecem dados que favoreçam a construção de uma análise social mais ampla, relacionada à obra lida. Por exemplo, se há um personagem analfabeto na trama, são debatidas as desigualdades sociais, com base em dados sobre o analfabetismo no Brasil. Em seguida, as leitoras têm uma hora para redigir seus relatórios de leitura e finalizar suas resenhas com observações pessoais e sociais, conforme orientação por Portarias da FUNAP.

Os grupos das mediadoras e das pareceristas são distintos, e não há contato direto dessas avaliadoras com as leitoras, para assegurar a imparcialidade. Os relatórios de leitura são avaliados com base em sete critérios definidos por Portarias específicas da FUNAP e, caso atendam três requisitos ou mais, são aprovados. O índice de reprovação dos relatórios é 1/20 e as leitoras reprovadas são orientadas para corrigir suas falhas. Na maioria dos casos, as reprovações se devem a plágios – as leitoras inseguras fazem cópias de trechos do livro ou de suas capas e contracapas, pois lhes é facultada a consulta.

Os conjuntos de relatórios e avaliações são devolvidos à direção do presídio em 28 dias pelas mediadoras para que sejam encaminhados para o juiz de execução penal. Esta última etapa é fundamental para que as MPL obtenham a remição de pena pela leitura, e sua duração depende da agilidade administrativa de cada unidade. Quando o fluxo é mantido constante, as remições são concedidas e as leitoras se sentem mais estimuladas a participar do clube de leitura. Em caso de demora, não temos como intervir e o desânimo pode levar à desistência das participantes.

Alguns princípios éticos e filosóficos norteiam a rotina do *Repaginando*. Um pacto efetivo rege a interação mediadoras-leitoras nas rodas: não se fala sobre os crimes

cometidos por elas. Algumas práticas são implementadas para sinalizar respeito e igualdade entre as participantes: a disposição circular dos assentos; as mediadoras sentadas entre as leitoras; o respeito às opiniões diversas e a prática da escuta ativa (e não apenas escuta); a expressão de sentimentos e impressões pelas mediadoras. Quando surgem afirmações preconceituosas, as mediadoras promovem um debate crítico para a desconstrução de estigmas.

Em uma mediação fora da prisão, não há muito espaço para depoimentos e vivências individuais, mas dentro da prisão, as mediadoras exercitam maior tolerância, considerando que este seja o único espaço de socialização onde as leitoras podem falar de suas próprias vidas. Entendemos que a leitura é reconhecida como um instrumento de luta e resistência, permitindo que as participantes expressem suas vozes, ganhem consciência sobre diversas questões e promovam a conscientização coletiva.

Entendemos que a leitura é reconhecida como um instrumento de luta e resistência, permitindo que as participantes expressem suas vozes, ganhem consciência sobre diversas questões

É na roda que a maior potência do coletivo emerge e vai muito além do texto, pois é ali que brotam histórias de vida, memórias e reflexões. Como cada uma traz consigo uma trajetória singular e há liberdade de expressão, constrói-se um mosaico coletivo, rico em diversidade de percepções, com trocas e transformações de mediadoras e leitoras.

Citamos alguns exemplos: na roda sobre *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway, uma jovem comenta que “ao sair da prisão estarei tão desacreditada quanto o velho que há 89

dias não pescava um peixe”. E conclui: “Se ele, que é velho, conseguiu provar seu valor, eu também poderei vencer essa etapa”.

Somos testemunhas da conexão entre um velho pescador e uma jovem privada de liberdade, um encontro inesperado pela leitura do texto que permite que ela lide, indiretamente, com páginas dolorosas de sua própria vida, como relatado por Petit (2010).

Na roda da obra *Pequena coreografia do adeus*, de Aline Bei, uma leitora conta que a mãe era violenta e batia nela todos os dias e uma mediadora complementa: “na minha casa, era o meu pai que batia, com cinta que deixava marcas”. As duas se olham e se reconhecem como sobreviventes dessa violência, como a personagem principal da trama.

O resultado é que saímos sempre transformadas da roda; são facetas do ser humano que não compreendíamos antes dos encontros que nos são reveladas neste convívio

Este exercício contínuo das mediadoras se colocarem como iguais às leitoras torna o grupo coeso e predisposto a conversas mais profundas. O resultado é que saímos sempre transformadas da roda; são facetas do ser humano que não compreendíamos antes dos encontros que nos são reveladas neste convívio.

No entanto, muitas vezes nos deparamos com nossos limites, pois o grupo pode atuar como suporte, mas não é terapêutico. Os textos levantam questões que não estão no controle das participantes. Uma leitora, por exemplo, chora ao perceber que cativou seus filhos, mas não é responsável por eles, ao ler *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry.

Ao perceberem um ambiente confiável, as três leitoras expõem seus sofrimentos e angústias: “Eu comprei uma arma para me defender dele que me batia todos os dias, ele pegou a arma e me deu três tiros”. “Estou sem ver minha filha de 18 meses há um ano. Só poderei vê-la na saidinha”. “Meu filho de 15 anos engravidou uma garota de 16. Estou agoniada aqui, queria conversar com ele, mas ele não vem me visitar”.

É importante destacar que, além da sua atividade principal de leitura, o *Repaginando* tem promovido outras práticas nas unidades prisionais, mais pontuais, porém não menos relevantes, e que contribuem para a formação de leitoras, descritas a seguir.

Durante as rodas de leitura, foram propostos exercícios escritos anônimos. Mensagens breves das leitoras foram escritas para a autora, como no caso de Carolina Maria de Jesus. Outras foram escritas para os personagens principais das tramas, como para Ponciá Vicêncio (Conceição Evaristo), *Cachorro Velho* (Teresa Cárdenas), Shmuel (do livro *O menino do pijama listrado*, de John Boyne).

Outros textos curtos de redação foram produzidos pelas leitoras sobre a importância da roda de leitura na vida delas, as obras de que mais gostaram e os destaques que fizeram em relação a elas.

Um sarau cultural foi realizado no final de 2023, com a presença de todas as aprisionadas do CR Feminino de Araraquara. Nesse evento, as leitoras declamaram poesias, cantaram e dançaram cirandas junto com suas colegas. Houve ainda a participação de integrantes de um grupo de batalha de rimas de São Carlos. A organização e orientação contaram com estudantes da UFSCar e outras pessoas da sociedade civil, além das participantes do clube de leitura.

Uma palestra sobre o tema de violência contra mulheres foi ministrada pela Profa. Roseli Rodrigues de Mello da UFSCar, seguida de debate no CR Feminino de Araraquara.

Essa iniciativa surgiu após as mediadoras ouvirem inúmeros relatos das leitoras sobre o tema, ao longo da mediação da novela *L'Arrabiatta*, de Paul Heyse.

Participaram do evento as integrantes do clube de leitura e outras internas interessadas. Na conversa com as internas, a Profa. Roseli apontou caminhos para que os ciclos de violência pudessem ser interrompidos.

A direção da unidade prisional e a equipe do *Repaginando* avaliaram o evento como um grande sucesso, tendo levado, além de cultura, alegria, envolvimento, inclusão para dentro do ambiente prisional.

O *Repaginando* promoveu ainda atividades dentro do campus da UFSCar, visando à mobilização de novas voluntárias, divulgação do trabalho, promoção do diálogo e inclusão do tema por meio da arte.

A exposição *Entre muros e sonhos: escritos de mulheres em cárcere* foi organizada pelo grupo do *Repaginando*, a partir dos textos produzidos nas rodas de leituras pelas MPL, e apresentada durante os meses de fevereiro e março de 2025, na Biblioteca Comunitária da UFSCar – São Carlos.

Na inauguração, tivemos a participação de três reclusas da unidade prisional de Araraquara, que declamaram poesias e deram seus depoimentos sobre a importância do projeto em suas vidas. Uma roda de conversa com estudantes interessadas no voluntariado complementou essa ação.

Em fevereiro de 2025, o *Repaginando* promoveu a exibição do documentário *Liberta* no campus UFSCar – São Carlos, com a presença da cineasta e diretora Débora Gobitta. O evento foi seguido de debate, com a presença de duas egressas do sistema prisional e participantes do documentário. Tivemos um público significativo (160 pessoas) que foi impactado pelos depoimentos da obra, que aborda o efeito transformador da leitura dentro das uni-

dades prisionais brasileiras, ressaltando sua importância para a remição de penas.

Em maio de 2025, mediadoras e pareceristas participaram das aulas da disciplina Educação e Cultura, coordenada pela Profa. Luciana Gracioso do Departamento de Ciências da Informação da UFSCar, nas quais 40 alunos conheceram o *Repaginando* e alguns já se dispuseram a se tornar pareceristas.

O aprendizado do grupo de voluntárias do *Repaginando* é constante e o ambiente prisional tem suas particularidades. Aos poucos, vamos nos habituando, embora surpresas ainda nos alcancem. Certa vez, durante uma roda, o som de batidas nas portas das celas cresceu repentinamente e preencheu todo o ambiente. Olhamo-nos, entre intrigadas e assustadas. As leitoras sorriram e disseram: “Não tenham medo, esse é o som da liberdade aqui – alguém recebeu alvará de soltura”. Trocamos olhares e respondemos: “É para isso que estamos aqui: para que o alvará de vocês chegue um dia, e para que vocês saiam para trilhar novos caminhos”.



Sílvia Nassif
Del Lama



Formada na USP de Ribeirão Preto, aposentou-se após mais de 40 anos como professora na área biológica da UFSCar. Leitora curiosa, publicou dois livros infantojuvenis pela EDUFSCar. Em 2019, liderou a criação de um grupo de mulheres na sociedade civil que implementou rodas de leitura nos presídios femininos da região de São Carlos. Hoje, o projeto *Repaginando* integra a UFSCar e atua em três unidades prisionais.

Emília Freitas
de Lima



Licenciada em Pedagogia, Mestra e Doutora em Educação, com Pós-doutorado em Interculturalidade. Docente da UFAL (1980-1992) e da UFSCar (desde 1992), é Professora Sênior dessa universidade e, nela, integra o Programa de Pós-graduação em Educação como professora colaboradora. Exerceu várias funções na UFSCar, inclusive a de Pró-reitora de Graduação. Considera uma de suas experiências mais ricas a que desenvolve desde 2023 no projeto *Repaginando*, como mediadora em clubes de leitura em presídios femininos.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. A literatura. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 1. ed.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. [S.l.]: [s.n.], 1968. 1. ed.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1982. 1. ed.

PETIT, M. A arte de ler ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2010. 2. ed.

SAP SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA (SP). População feminina e masculina - junho de 2024. Disponível em: https://www1.sap.sp.gov.br/download_files/pdf_files/populacao-feminina-junho-2024.pdf. Acesso em: 19 jun. 2025.

VARELLA, D. Prisioneiras. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 1. ed.

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 4. ed. brasileira.

Literatura e Cárcere, para quê?



Café Literário

Na Idade das Trevas, a punição era um espetáculo público, uma exibição brutal de poder soberano que se desenrolava em praças, à vista de todos. O corpo do condenado, dilacerado e exposto, servia como um lembrete visceral da autoridade. No entanto, como o brilhante Foucault nos revelou, essa lógica mudou drasticamente.

A partir do século 18, o foco da punição se deslocou do corpo para a alma, da visibilidade ostensiva para a reclusão e a disciplina. "O corpo, antes o alvo principal do suplício, tornou-se o instrumento e o intermediário de uma punição que atinge a alma". A punição, antes um ato de afirmação pública, transformou-se em um processo recluso, privado, longe dos olhos curiosos, em que a alma era moldada e corrigida. Essa transição marcou o nascimento de uma nova forma de controle social, mais sutil e insidiosa, que buscava normalizar e disciplinar os indivíduos em vez de simplesmente aniquilá-los.

Para justificar o injustificável, a sociedade construiu narrativas que muitas vezes limitam o potencial humano, aprisionando-o em estruturas de controle e dogmas. E se a verdadeira liberdade residisse na capacidade de enxergar o ser humano não como um objeto a ser disciplinado, mas como um universo de possibilidades ilimitadas? Essa visão encontra eco em coletivos humanistas que cultivam a mais profunda fé na admiração pelo homem. Para eles, cada indivíduo carrega um potencial infinito, muitas vezes esquecido ou sufocado pelas imposições sociais. É dessa convicção inabalável no poder transformador do ser humano que surge a busca por espaços de diálogo horizontal, onde a hierarquia é dissolvida e todos têm voz, celebrando a riqueza da diversidade de pensamento e a capacidade inerente de cada um contribuir para um mundo mais consciente e livre.

No Brasil, há décadas, a atividade repressora do Estado pautada apenas em uma suposta manutenção da Ordem e da Segurança Pública, tem resultado em um aumento exponencial da taxa de encarceramento. A sociedade insegura aposta nesse modelo para buscar distanciamento das verdadeiras questões que provocam inúmeros conflitos sociais. Temos como alguns dos resultados o desconhecimento da realidade carcerária e o excesso de internos em quase todas as unidades prisionais.

"Você não tem medo de entrar aí dentro? Tem presos, é perigoso!". O menino olhou para a pessoa e respondeu, com uma simplicidade desarmante: "Não. Porque lá só tem gente"

Isso acontece sem que as penitenciárias tenham condições mínimas, ou sequer humanas, de absorver essa parcela significativa da população. Com isso, as prisões se tornaram caóticas, e o caos, ao seu modo, é o seu próprio sentido, tornando-se sua própria ordem, uma ordem perversa, onde a sólida atuação das facções criminosas nesses espaços atesta essa realidade brutal e desoladora. Ocorre que o caos, por mais que se apresente como uma fatalidade, não se justifica por si só. Toda função que visa descrevê-lo ou justificá-lo gira em torno da metafísica, de construções filosóficas que tentam dar alguma aparência de racionalidade à prática do encarceramento, uma prática que, no fundo, é a negação da própria humanidade.

Então, como convencer as pessoas privadas de liberdade de que há um caminho para além dos muros, para além do desespero, para além da invisibilidade? A questão é que quem escreve ou fala sobre a prisão no Brasil, com raras e

honrosas exceções, provavelmente o faz de um lugar bem distante das penitenciárias brasileiras. Essa distância amplia ainda mais o desconhecimento sobre esse grupo tão estigmatizado, tão marginalizado, tão esquecido.

Os jornalistas televisivos que dramatizam a tragédia do sistema prisional brasileiro, os intelectuais que se debruçam sobre o tema no conforto de seus gabinetes, com seus cafés quentes e suas bibliotecas repletas, muitas vezes não são capazes de captar as nuances da vida entre os muros. Poucos conseguem traduzir a dureza, a rotina lenta e exasperante em espaços limitados, a angústia para sobreviver aglomerado em condições de total desrespeito à dignidade humana. A realidade dentro da prisão é complexa, multifacetada, e exige um olhar que vá além das estatísticas e das manchetes, um olhar que se atreva a ver o humano por trás dos números, a alma por trás das grades.

A realidade dentro da prisão é complexa, multifacetada, e exige um olhar que vá além das estatísticas e das manchetes, um olhar que se atreva a ver o humano por trás dos números, a alma por trás das grades

Se desejamos um retrato mais próximo à realidade carcerária brasileira, um retrato que não seja apenas uma fotografia estática, mas um filme em movimento, é preciso dar voz à população que a constitui. Como é possível estabelecer uma comunicação razoável entre a sociedade civilizada, democrática, de direito, com pessoas marginalizadas e predominantemente analfabetas funcionais, que, como recurso de sobrevivência, criam seus próprios dialetos para se consolidarem como grupo? A resposta não é simples, não é óbvia, não é fácil.

Os especialistas, discípulos de Lombroso, talvez se dediquem a nos sugerir recursos teóricos como alternativa para o estabelecimento de uma comunicação conveniente para apenas um dos lados, para o lado de quem detém o poder, o conhecimento, a voz. Contudo, esses peritos ignoram que, devido à sua heterogeneidade, à sua capacidade de transcender barreiras, de quebrar muros invisíveis, a literatura é um instrumento eficaz, talvez o mais eficaz, para se inaugurar uma proximidade genuína, uma ponte de entendimento entre duas concepções de mundo tão distintas.

Em uma frase emblemática, Wittgenstein afirma que "os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo". Uma singela, mas profundamente plausível interpretação a essa citação é a de que, ao ampliar o domínio sobre a linguagem, ao desvendar seus múltiplos véus, o sujeito também amplia os seus horizontes sobre o mundo e, conseqüentemente, sobre si. Como disse Goethe, com uma sabedoria que ecoa através dos séculos, "o caminho do mistério aponta para dentro". Por ser uma ferramenta de organização de fatos, sensações e sentimentos dispostos nas prosas e versos pelo narrador (o eu lírico), a literatura disponibiliza ao leitor uma chave de acesso irrestrito à sua própria interioridade, um convite à introspecção, à descoberta. Abre portas ao conhecimento, ao direito à voz. Possibilita também a ampliação do seu olhar para si e para o seu entorno, para o universo que o cerca, uma vez que é, antes de mais nada, linguagem – o elemento básico de qualquer comunicação, a essência do nosso ser. Ela é a ponte que conecta o indivíduo ao universo, e o universo ao indivíduo, em um fluxo contínuo de descoberta e redescoberta.

É nesse contexto, nesse cenário de busca por sentido e conexão, que iniciativas como o Café Literário da Penitenciária Dr. José Augusto César Salgado, a P2 masculina do Complexo Penitenciário de Tremembé, interior de São Paulo, se tornam

alicerces, pilares robustos para a construção de um diálogo entre a população intramuros e extramuros, um diálogo edificante e que humaniza. O projeto, que é uma iniciativa dos próprios internos, nascido da inquietude e do desejo de transformação que pulsa dentro de cada ser humano, foi acolhido pela Administração da Unidade. Desde 4 de janeiro de 2017, realiza rodas de literatura, de leituras semanais para debater as mais diversas obras da literatura universal. Escritores como Mia Couto, Saramago, Carla Madeira, Itamar Vieira e muitos outros ganham vida e voz dentro dos muros, desvendando novos mundos e perspectivas, comprovando que a mente humana não pode ser aprisionada.

Com um acervo formado por doações dos internos, seus familiares e outros parceiros, conta com uma biblioteca com mais de 6 mil títulos, um fértil oásis de conhecimento e imaginação em meio ao deserto do cárcere.

O contato com essa riquíssima coleção de obras, com suas histórias, poesias, reflexões, estimulou os internos, membros ativos do Café Literário, a esboçar seus próprios textos de crônicas, contos, poesias e romances.

A inquietude despertada pelo acesso à leitura, pela descoberta de novas linguagens, tornou-se anseio por fabulação, desejo de ordenação dos fatos, sensações e sentimentos que permeiam a vida desses homens, dando voz ao que antes era silêncio.

Assim nasceu O *Folhetim*, um periódico mensal com tiragem de 250 exemplares impressos pela SP Leituras e distribuídos aos internos, funcionários e visitantes da unidade, levando a palavra para além das celas. Sua versão digital é disponibilizada na BibliON, alcançando um público ainda maior, rompendo as barreiras físicas. Tudo isso, é importante frisar, de forma gratuita, democratizando o acesso à cultura e à expressão, provando que a arte e o conhecimento não têm preço nem grades.

Além disso, em parceria com a SP Leituras e a Rede Escrevedeiras, o Café Literário realiza oficinas de escrita criativa que já contaram com a participação da autora Noemi Jaffe e contribuíram para a formação do autor Roberto Rocco, interno que estreou na escrita com contos para *O Folhetim* e já tem três livros publicados: *Castanhos*, *Amor em Pó* e *Rica Infância*. Uma prova viva, palpável, inegável do poder transformador da palavra, da capacidade humana de florescer mesmo nas condições mais áridas.

O projeto, que é uma iniciativa dos próprios internos, nascido da inquietude e do desejo de transformação que pulsa dentro de cada ser humano, foi acolhido pela Administração da Unidade

Essa literatura, ainda que diletante, produzida na intimidade aglomerada das celas, gera textos e manuscritos que ganham as páginas impressas, são um aceno de liberdade, um grito de existência dessa população reclusa à população que pouco sabe da sua existência.

Isso oferece aos interessados no sistema prisional brasileiro uma ampla e aprofundada perspectiva sobre o que transpassa a alma das pessoas privadas de liberdade. É um convite à reflexão, um espelho que nos mostra não apenas a realidade do cárcere, mas também a nossa própria humanidade, nossas próprias sombras e luzes.

Ao extrapolar o real, nos transportar para outros mundos e outras realidades, a literatura desvela o que somos em nossa essência mais pura, dentro e fora das prisões: somos humanos. Se desejamos conviver como tal, se almejamos uma sociedade mais justa, mais empática, é preciso ler o que essas pessoas têm a dizer e, assim, compreender a

humanidade que habita as penitenciárias brasileiras. Ainda que indesejada, ainda que muitas vezes ignorada, essa humanidade revela muito sobre os presos, suas dores, seus sonhos, suas esperanças, mas também, e talvez, sobre os que estão em liberdade. Expõem nossas falhas, nossos limites, nossos preconceitos, nossa capacidade de amar e de julgar.

Ainda que indesejada, ainda que muitas vezes ignorada, essa humanidade revela muito sobre os presos, suas dores, seus sonhos, suas esperanças, mas também, e talvez, sobre os que estão em liberdade

Lembramos de uma história que tocou profundamente nossos voluntários, e que, de certa forma, encapsula a essência do que o Café Literário busca. Era uma daquelas manhãs de visita na prisão, com uma fila longa e sofrida como sempre, mulheres e crianças esperando sob o sol escaldante ou a chuva impiedosa, em condições degradantes, em que a dignidade parecia se esvaír a cada minuto. Uma mãe, com seu filho pequeno, aguardava pacientemente para ver o pai da criança que estava preso. Alguém, observando a cena e a imponência dos muros altos, das grades frias, do arame eletrificado que parecia cortar o céu, perguntou ao menino: "Você não tem medo de entrar aí dentro? Tem presos, é perigoso!". O menino, com a pureza e a sabedoria que só as crianças possuem, olhou para a pessoa e respondeu, com uma simplicidade desarmante: "Não. Porque lá só tem gente."

Essa história, tão bonita e humanizadora, talvez seja a melhor metáfora para o que o Café Literário representa. O coletivo acredita que a literatura, em sua essência mais pura, tem o poder de humanizar, de resgatar a centelha divina que existe em cada ser. Dentro das prisões, sim, só tem gente.

Humanos que, às vezes, se esquecem de ser humanos, perdidos no labirinto da dor e do esquecimento. A sociedade lá fora também se esquece de vê-los como humanos, preferindo a conveniência do rótulo. Nesse contexto, a literatura não é apenas um passatempo; é um ato de resistência, um resgate da dignidade, um lembrete constante de que, por trás das grades, há mentes e corações pulsando, capazes de sonhar, de criar, de sentir.

E quem sabe assim possamos entender literatura e cárcere. Para quê? Para que a humanidade prevaleça, para que o diálogo se estabeleça, para que a esperança floresça onde menos se espera, para que a palavra seja a chave que liberta a alma e a imaginação, mesmo quando o corpo está aprisionado.

*** Café Literário: a narrativa como fonte de conhecimento**

Apropriar-se da palavra é mais que ter acesso à leitura, é ter consciência da escrita. Este empoderamento, além de proporcionar a interação com inúmeras culturas e visões de mundo, promove o desenvolvimento pessoal em sua plenitude.

Partindo desse pressuposto, o *Café Literário – A narrativa literária como fonte de conhecimento*, desde janeiro de 2017, convida seus integrantes a se sentarem em círculo, uma hora por semana, para contemplar através do debate os múltiplos pontos de vista em torno da obra apreciada e a refletir sobre as ideias propostas pelos autores de modo aprofundado, formando assim um senso crítico apurado e um olhar de respeito às diferenças. Podem ser livros consagrados como *O diário de Anne Frank*, *Contos de Tchekhov*, *Dom Casmurro*, *O pequeno príncipe*, poesias de Drummond, Cecília Meireles ou Neruda, dentre tantos outros, todos lidos e debatidos nesses momentos de liberdade.

Por meio das oficinas literárias desenvolvidas no projeto, propomos o aperfeiçoamento da escrita nos mais diversos gêneros literários, para que, através do periódico mensal *O Folhetim*, os membros do grupo possam expressar toda a sua vivência cultural adquirida ao longo do processo de leitura, reflexão e debate, de forma a convergir às competências propostas. *O Folhetim* é impresso pela SP Leituras com uma tiragem mensal de 250 exemplares, distribuídos em todas as celas da Unidade, enviados a parceiros de outras Unidades Prisionais da Capital e do interior e, mais recentemente, publicados na BibliON, a biblioteca digital e gratuita do Estado de São Paulo.

Até agora, foram produzidos três volumes escritos e encadernados integralmente por nossos frequentadores em oficinas realizadas no próprio espaço.

Nossa convicção é a de que o exercício da palavra tem um papel central na política de reinclusão social, uma vez que é instrumento de acesso a todas as outras políticas públicas

Nossa convicção é a de que o exercício da palavra tem um papel central na política de reinclusão social, uma vez que é instrumento de acesso a todas as outras políticas públicas, e que a plena reintegração à cidadania só é possível a partir da transmissão de novos conhecimentos. Acreditamos que o contato com a literatura modifica antigos comportamentos, inspirados na belíssima frase do poeta Mario Quintana: “Livros não mudam o mundo, o que muda o mundo são as pessoas. Livros só mudam as pessoas.”

O Coletivo Café Literário concretizou a magia da escrita em poesias, contos, crônicas e reflexões, compilados

em um livro vivo, em um misto antropofágico no qual os autores criam os personagens de suas estórias enquanto se tornam protagonistas de suas histórias de vida. Desse modo, os textos convidam o leitor a mudar o olhar sobre os autores e a apreciar toda a magnitude de ver a sua própria vida reescrita.

Café
Literário



O Café Literário nasceu na Penitenciária de Tremembé 2. É um coletivo de presos para presos. Surgiu com apoio da diretoria da instituição, agregando internos e outros parceiros como SP Leituras e Escrevedeira. Dezenas de palestrantes compartilharam saberes, porque o conhecimento se constrói com pessoas falando, ouvindo, discutindo e lendo. A literatura, como arte fundamental e de força incontrolável, liberta a imaginação, nos faz pensar e nos torna mais humanos. É um desafio prazeroso que humanizou e que continua humanizando o cárcere.

Os desafios do trabalho com leitura

em
ambientes
prisoinais
brasileiros

*

Alexandre Amaro

A história do direito à educação em ambientes prisionais é um capítulo importante de uma discussão recente sobre o respeito aos direitos humanos no cumprimento da pena no Brasil. A Carta Magna de 1988 já estabelecia, em sua Seção I (cap. III), que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Baseado nessa premissa constitucional, surgiram, nos anos 1990, como uma resposta ao episódio extremo do Massacre do Carandiru, projetos de lei que propunham a prática educativa nesses espaços. Destaca-se, nesse contexto, a primeira proposta para a inclusão do ensino como um direito, o Projeto de Lei nº 216/1993, de autoria do deputado José Abrão (PSDB/SP).

Desde então, foram muitos os projetos que visaram ordenar a oferta da educação nas prisões brasileiras, consolidados na Lei 12.433/2011, que definiu os parâmetros da remição da pena por trabalho e por estudo. A redução dos dias da sentença em razão de horas trabalhadas ou dedicadas à formação escolar incentivou a adesão dos apenados. A lei definiu que a contagem do tempo seria de um dia de pena a cada três dias de trabalho; e de um dia de pena a cada 12 horas de frequência escolar, podendo o participante acumular o benefício.

Na esteira da promoção de atividades educativas, surgiram, antes mesmo da consolidação da Lei 12.433, ações de fomento à leitura no ambiente carcerário. As primeiras experiências ocorreram nos presídios federais

de segurança máxima, onde está em vigor o regime prisional diferenciado, que pressupõe 22 horas de isolamento diário. Como forma de atenuar essa condição extrema de cumprimento da sentença, ofereceu-se a alternativa da leitura, com a possibilidade de remição de dias da pena.

A conversão da antiga Recomendação em Resolução judicial ampliou a eficácia jurídica do documento, ao transformar um ato meramente orientativo e não vinculante em uma medida normativa e decisória

A ação teve início no presídio de Catanduvas (PR) e abriu um precedente para sua aplicação em outros espaços prisionais, bem como para a consolidação de entendimentos jurídicos favoráveis à prática da leitura em presídios e penitenciárias do Brasil. O primeiro importante documento foi a Recomendação 44/2013, do CNJ, que propunha assegurar a participação do preso de forma voluntária, disponibilizando-se ao interno um exemplar de obra literária, clássica, científica ou filosófica, a ser lido no período de 21 a 30 dias, ao fim dos quais deveria ser elaborada uma resenha comprobatória da leitura. Essa recomendação regulou centenas de ações por todo o país e só foi revogada para dar lugar à Resolução 391/2021, do mesmo CNJ, que ampliou sua abrangência e corrigiu inconsistências de sua aplicação.

Os principais avanços trazidos pela resolução mais recente foram de natureza técnica e pedagógica. A conversão da antiga Recomendação em Resolução judicial ampliou a eficácia jurídica do documento, ao transformar um ato meramente orientativo e não vinculante em uma medida normativa e decisória.

Do ponto de vista educacional, a Resolução nº 391/2021 desobrigou o participante de escrever uma resenha, gênero complexo para o nível educacional dos presídios do Brasil, e definiu que a comprovação da leitura poderia se dar por meio de um relatório escrito, oral ou ainda por outras formas de expressão, como o desenho. A fim de contemplar pessoas não alfabetizadas ou em fase de alfabetização, autorizou-se a adoção de estratégias específicas de leitura entre pares ou leitura de audiobooks.

Desde então, esse passou a ser o principal documento jurídico a regulamentar as ações de leitura nos espaços prisionais brasileiros, possibilitando que pessoas privadas de liberdade convertam a experiência com o livro em dias de remição, de forma individual ou coletiva.

Contudo, diversos obstáculos ainda dificultam o pleno exercício desse direito, entre eles, a recusa de alguns magistrados em reconhecer a remição pela leitura, a censura de obras literárias por parte do sistema prisional e a carência de infraestrutura adequada para o desenvolvimento de práticas educativas nas unidades prisionais.

*** Relato de uma experiência em presídios da região metropolitana de Belo Horizonte**

O Projeto de Extensão *Mentes Livres, Vozes Dissidentes*, vinculado ao CEFET-MG, teve como objetivo promover rodas de conversa e oficinas de leitura e escrita com mulheres em situação de privação de liberdade na APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados) feminina de Belo Horizonte.

A iniciativa foi contemplada pelo edital *Projeto Nacional Clubes de Leitura e Remição de Pena*, da editora Companhia das Letras, por meio do qual recebeu a doação de 150 livros – sendo 25 exemplares de cada um dos títulos:

De mim já nem se lembra, de Luiz Ruffato; *Estela sem Deus*, de Jeferson Tenório; *A arte de correr na chuva*, de Garth Stein; *Aos 7 e aos 40*, de João Anzanello Carrascoza; *Inês*, de Roger Mello e Mariana Massarani; e *Heroínas negras brasileiras*, de Jarid Arraes.

O trabalho teve início com a participação de 20 mulheres, mas já no segundo encontro o grupo foi reduzido a apenas três participantes. De acordo com a direção da unidade, o horário destinado ao projeto fora cedido a uma oficina promovida pelo SESC, que, além de oferecer capacitação profissional às reeducandas, assegurava o benefício da remição de pena pelo estudo — o que não havia sido autorizado pelo juiz no caso das atividades de leitura. Segundo aquele magistrado, as mulheres reclusas na APAC já eram beneficiadas com muitas atividades que asseguravam a remição de pena por trabalho e estudo, o que justificaria sua recusa em reduzir os dias da pena pela prática da leitura.

Apesar de uma recomendação judicial possuir caráter normativo vinculante dentro do Judiciário, tal instrumento não tem força de lei formal, o que enseja a recusa de alguns magistrados, baseados tão somente em premissas genéricas, sem consistência teórica ou fundamentação legal. O STF e o STJ têm reconhecido que a remição por leitura é válida como forma de reintegração social e se baseia no princípio da dignidade da pessoa humana (art. 1º, III da CF).

Diante desse cenário, o projeto foi retirado da unidade da APAC e realocado em um presídio masculino destinado a ex-policiais, localizado na cidade de Jaboticatubas, a cerca de 50 km de Belo Horizonte. Nesse novo espaço, foi possível desenvolver plenamente as atividades propostas, uma vez que o juiz responsável adotou uma interpretação distinta quanto à aplicação de projetos de leitura no sistema prisional, autorizando a implementação integral da Resolução nº 391/2021, do CNJ.

Essa mudança evidencia a fluidez e a instabilidade das normas que regem a implantação de projetos educacionais em contextos de privação de liberdade, além de reforçar a necessidade constante de negociação com diferentes instâncias do poder para a viabilização de tais iniciativas.

Como observa o pesquisador Fernando Salla: “A experiência de fazer pesquisa na prisão é a mesma de percorrer dois labirintos. Primeiro, colocam-se os caminhos tortos, sinuosos, com idas e vindas, com autorizações e negações, negociações e astúcias, para que se possa entrar nas prisões. Segundo, nesses percursos confusos e sempre pontilhados de desconfiança que orientam os que governam as prisões, estão os desafios do labirinto real, dos labirintos arquitetônicos, nos quais um pesquisador em geral nunca pode se mover sozinho, com autonomia de decisão”¹.

A experiência de fazer pesquisa na prisão é a mesma de percorrer dois labirintos. Primeiro, colocam-se os caminhos tortos, sinuosos, com idas e vindas, com autorizações e negações, negociações e astúcias

Um segundo obstáculo às atividades de leitura no sistema prisional refere-se à censura de obras literárias por parte dos próprios gestores das unidades. Embora o artigo 5º da Resolução nº 391/2021 do CNJ determine que “na composição do acervo da biblioteca da unidade de privação de liberdade, deverá ser assegurada a diversidade de autores e gêneros textuais, incluindo acervo para acesso à leitura por estrangeiros, sendo vedada toda e qualquer forma de censura”, a prática cotidiana nas instituições prisionais revela um cenário bastante distinto.

1 SALLA, 2013, E-book, posição 111.

Segundo reportagem de Leandro Aguiar publicada pela Agência Pública em fevereiro de 2024, em diversos presídios mineiros, a proibição de entrada de obras literárias vai além das regras oficiais, que só vetam materiais com capa dura, conteúdo pornográfico ou que façam apologia ao crime. Familiares de presos denunciam que agentes penitenciários permitiam apenas livros de autoajuda e a Bíblia, proibindo clássicos e até gramáticas por decisões informais e sem justificativa legal.

A aplicação dessas normas não escritas estaria condicionada à subjetividade de agentes penitenciários, que frequentemente barram livros sem apresentar justificativas claras — o que compromete o direito das pessoas privadas de liberdade ao acesso plural à leitura e à formação crítica.

Por fim, um terceiro entrave à efetivação das normas legais que promovem a cultura do livro e da leitura no sistema prisional brasileiro refere-se à precariedade da infraestrutura das unidades.

Embora os marcos legais avancem no reconhecimento da leitura como direito e estratégia de ressocialização no sistema prisional, tais políticas esbarram em entraves estruturais, jurídicos e culturais

Dados do Depen-MG revelam que, das 172 unidades prisionais em funcionamento em Minas Gerais, 50 não possuem bibliotecas ativas, o que representa cerca de 30% do total. Em nível nacional, a situação é ainda mais crítica: segundo o Ministério da Justiça, das 1.458 unidades prisionais existentes no Brasil, 615 não contam com bibliotecas, o equivalente a aproximadamente 42%.

No Presídio de Jaboticatubas, em Minas Gerais, onde se desenvolve o projeto *Mentes Livres, Vozes Dissidentes*, as rodas de leitura ocorrem no pátio destinado ao banho de sol, situado ao lado das celas onde os apenados permanecem a maior parte do tempo. A biblioteca da unidade funciona em um cômodo improvisado, cujo acesso é restrito a um interno voluntário responsável pela seleção e distribuição das obras aos demais interessados. São esses arranjos informais que viabilizam o funcionamento de iniciativas como o projeto de extensão do CEFET-MG, apoiado pela equipe diretiva e pelos agentes penitenciários da unidade. Apesar da precariedade estrutural, os encontros são realizados semanalmente e permitem a remição de quatro dias de pena para cada livro lido pelos 65 custodiados participantes.

A experiência com o projeto *Mentes Livres, Vozes Dissidentes* evidencia que, embora os marcos legais avancem no reconhecimento da leitura como direito e estratégia de ressocialização no sistema prisional brasileiro, a implementação de tais políticas esbarra em entraves estruturais, jurídicos e culturais.

A ausência de uniformidade na interpretação da legislação por parte do Judiciário, as práticas arbitrárias de censura, a precariedade da infraestrutura e a carência de escolas e bibliotecas nas unidades prisionais revelam a distância entre o texto normativo e a realidade vivida por pessoas privadas de liberdade.

Ainda assim, os resultados obtidos em experiências como a desenvolvida no Presídio de Jaboticatubas demonstram o potencial transformador da leitura, tanto como instrumento de remição de pena quanto como ferramenta de reconstrução subjetiva e exercício da cidadania dos participantes. Tais iniciativas reafirmam a importância de projetos de extensão universitária que, mesmo em contextos adversos,

contribuem para a garantia de direitos fundamentais e para a humanização do cumprimento da pena.

É urgente, portanto, que se fortaleçam os diálogos entre instituições de ensino, sistema de justiça e administração penitenciária, visando à consolidação de uma política pública de leitura no cárcere que seja efetiva, democrática e acessível, reconhecendo a leitura como um direito e não como um privilégio concedido de forma desigual.

Alexandre
Amaro



Mestre em Literatura Brasileira (UFMG) e Doutor em Estudos de Linguagens (CEFET-MG), atua como professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Autor de *Construir sobre ruínas: leitura e escrita em ambientes de privação de liberdade* (Ed. Autêntica).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. “Só entra autoajuda e Bíblia”: presídios barram literatura para detentos. Agência Pública, São Paulo, 6 fev. 2024. Disponível em: <https://apublica.org/2024/02/so-entra-autoajuda-e-biblia-presidios-barram-literatura-para-detentos/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. Recomendação nº 44, de 26 de novembro de 2013. Dispõe sobre a remição de pena por meio da leitura. Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/1907>. Acesso em: 19 jun. 2025.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.433, de 29 de junho de 2011. Altera a Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 (Lei de Execução Penal), para dispor sobre a remição de parte do tempo de execução da pena por estudo ou por trabalho. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 jun. 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12433.htm. Acesso em: 18 jun. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. Resolução nº 391, de 10 de maio de 2021. Estabelece procedimentos e diretrizes a serem observados pelo Poder Judiciário para o reconhecimento do direito à remição de pena por meio de práticas sociais educativas em unidades de privação de liberdade. Diário da Justiça Eletrônico, Brasília, DF, 11 maio 2021. Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/3903>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SALLA, F. A pesquisa na prisão: labirintos. In: LOURENÇO, Luiz Cláudio; GEDER, Luiz Rocha (org.). Prisões e punição no Brasil contemporâneo [livro eletrônico]. Salvador: EDUFBA, 2013, p. 106-350. Disponível em: [Kindle Edition].

Pareceres de leitura: como uma avaliação

pôde se
transformar
numa
conversa
afetiva e
formativa

*

*Claudia Rosenberg
Aratangy*

O que é a remição de pena pela leitura? De modo resumido e objetivo, é a concessão de desconto na pena em função da leitura de um livro acompanhado da escrita de um texto – às vezes chamado de resenha, às vezes de relatório de leitura. Cada obra lida (e relatada ou resenhada) dá direito a quatro dias de remição, até o máximo de 48 dias por ano.

Neste breve texto, vou contar um pouco da experiência com os pareceres de leitura escritos no âmbito do projeto Café Literário e o programa PraLer – Prazeres da Leitura, da SP Leituras; e da parceria entre a mesma organização e o programa *Remição em Rede* na Penitenciária Doutor José Augusto César Salgado, a Penitenciária II Masculina de Tremembé, SP.

A ideia de remir pena pela leitura é uma extensão da proposta de remição pelo estudo que, por sua vez, decorreu da remição pelo trabalho, mas temos um problema. Enquanto a remição pelo trabalho e pelo estudo estão expressamente previstas na Lei de Execução Penal, a remição pela leitura, não. Atualmente, o dispositivo legal que regula as atividades de remição pela leitura é a Resolução nº 391/2021 do Conselho Nacional de Justiça – CNJ. No entanto, sendo uma resolução, não tem ascendência sobre o poder executivo e é pouco vinculada ao próprio poder judiciário¹.

Ainda temos outro problema. Para atestar o trabalho, basta a confirmação de que o/a apenado/a compareceu à oficina ou ao local onde ocorrem as atividades labo-

¹ Há projetos de lei em discussão no Congresso justamente para inserir a remição de pena pela leitura na Lei de Execução Penal, ao lado da remição pelo trabalho e pelo estudo, mas ainda não foram aprovados.

rais – geralmente, registrado em algo como um livro de ponto. De modo parecido, para fazer jus à remição dos dias estudados, é preciso apenas estar em sala de aula – a chamada ou lista aferem a presença. Não há controvérsia².

Mas... e a leitura? Como saber se a pessoa leu?

Por não haver um livro de ponto ou uma lista de chamada capazes de atestar que a leitura foi realizada, optou-se por aferi-la por meio da escrita. Isso tem sido um dos entraves da remição de pena pela leitura, afinal ler e escrever não são a mesma coisa.

No ato de escrever, também há uma série de processos mentais invisíveis em curso – mas a produção escrita é visível. Por isso, talvez, a opção por utilizar a escrita de uma resenha ou um relatório para aferir a leitura

Para começar, ler e escrever não são tarefas mecânicas. Ler é muito mais que decifrar letras agrupadas e escrever não é apenas juntar letras. Se assim fosse, qualquer pessoa que conhecesse o alfabeto seria capaz de redigir ou ler livros e artigos. Cada uma dessas atividades exige e desenvolve competências próprias. São processos mentais diferentes. Relacionados, mas independentes.

Não cabe aqui explicar a complexidade dos processos cognitivos implicados na leitura. São muitos e específicos. Acontecem de forma invisível, na cabeça de quem está lendo. Claro, é possível ler em voz alta, mas em se tratando da leitura de um livro (e de grupos de mais de 20 pessoas), aferir sua leitura integral seria inviável.

² Isso não é totalmente verdade. Há controvérsia relacionada à remição pelo estudo quando se trata da remição por aprovação total parcial no ENEM e no ENCCEJA, mas não é o objetivo deste texto discutir essa celeuma.

Durante o ato de escrever, também há uma série de processos mentais invisíveis em curso – mas a produção escrita é visível. Por isso, talvez, a opção por utilizar a escrita de uma resenha ou um relatório para aferir a leitura.

Ocorre que escrever é ainda mais difícil do que ler, pois exige uma base maior de conhecimentos e coloca a pessoa que escreve diante de um leque maior de decisões a serem tomadas. A situação de produzir um texto sobrecarrega cognitivamente o escritor, que precisa ativar e articular conteúdos semânticos na memória e colocá-los em uma sequência e, ainda, levar em consideração as convenções ortográficas, gramaticais e as estruturas dos gêneros textuais (Fayol, 1984)³.

Junte-se a isso o fato de que a maioria das pessoas não escreve textos complexos durante a vida, já que, cotidianamente, a exigência se restringe a bilhetes, mensagens eletrônicas, postagens, listas. Livros, artigos, apresentações, manuais, resenhas... são textos escritos por poucos, para poucos.

Então, essa solução encontrada para referendar a leitura de obras literárias não parece ser a mais adequada. Entretanto, em que pese a Resolução do CNJ sugerir a inclusão de outras formas de verificação, inclusive para contemplar analfabetos e estrangeiros, as iniciativas neste sentido são parcas e isoladas, e o que impera mesmo são os relatórios e resenhas. São Paulo não é exceção.

Os projetos de remição de pena pela leitura no Estado de São Paulo seguem, de modo geral, uma Portaria da FUNAP⁴ que exige a escrita do relatório pelo leitor e sua validação por

3 FAYOL, M. *L'approche cognitive de la rédaction: une perspective nouvelle*. In: *Repères pour la rénovation de l'enseignement du français*, n° 63, 1984. *Il écrivent... Comment évaluer?* pp. 65-69; Disponível em: https://www.persee.fr/doc/re-per_0755-7817_1984_num_63_1_1783. Acesso em: 17 jun. 2025. Tradução própria.

4 Portaria n° Direx 077/00/2021, de 25 de outubro de 2021. Disponível em <https://encurtador.com.br/tpl2a>.

especialistas, feita com base em um roteiro predeterminado que gera um parecer favorável ou não à concessão da remição.

O roteiro de validação de leitura utilizado no projeto Café Literário PraLer da SP Leituras em parceria com o *Remição em Rede* foi negociado com a unidade prisional e com a própria juíza da execução, e atendeu tanto as demandas da Portaria da FUNAP quanto a proposta de parecer da Resolução nº 391/21 do CNJ.

É importante dizer que o projeto na PII de Tremembé nasceu de uma iniciativa dos próprios apenados que organizaram uma atividade de discussões sobre livros e leituras chamada “Café literário”. Queriam ir além: organizar um clube de leitura com mediadoras experientes, formar alguns mediadores de leitura e, ainda, escrever os relatórios/resenhas para pleitearem a remição.

Também vale frisar que o perfil dos privados de liberdade desta unidade prisional é bem diferente daquele da população prisional brasileira. Todos ali têm Ensino Médio completo e muitos têm graduação e, segundo os dados da SENAPPEN (Secretaria Nacional de Políticas Penais) disponível no site de SISDEPEN, de 2024, 46,37% da população prisional não têm, sequer, o Ensino Fundamental completo e somente 0,92% conseguiram um diploma de graduação⁵.

Resumindo: é um grupo que tem mais trânsito, familiaridade e interesse nas práticas sociais de leitura e escrita.

O projeto funciona da seguinte forma. São dois grupos: um dos apenados do regime fechado, que contempla 30 participantes e dois mediadores; e o outro do regime semiaberto, com 25 participantes e dois mediadores.

⁵ Link para os painéis com as informações completas:
<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiODVhODQ0ZTctYzkyZS00YmRmLW-FiNjltYzVmNWRkMThjMTgylwiidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNm-Ny05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9>

A curadoria dos livros é feita em parceria com os mediadores. Todos recebem os livros – um exemplar para cada – e têm um mês para ler. Na primeira terça-feira do mês, acontece o clube, com a mediação feita por eles e sob a supervisão de uma das integrantes do *Remição em Rede*. Dura cerca de uma hora e meia. Em seguida, eles têm mais uma hora e meia para redigir o relatório de leitura. Os relatórios são escaneados e enviados às pareceristas, que os leem e elaboram um parecer que será entregue para eles no encontro do mês seguinte – assim podem ter um feedback antes de redigirem o próximo relatório.

Também vale frisar que o perfil dos privados de liberdade desta unidade prisional é bem diferente daquele da população prisional brasileira. Todos ali têm Ensino Médio completo e muitos têm graduação

Somos três na equipe de pareceristas: eu, que faço aproximadamente metade dos pareceres, também supervisiono e aprovo os pareceres das outras duas. Buscamos distribuir os relatórios de leitura de modo que cada uma possa acompanhar o percurso de um grupo particular de leitores ao menos pelo período de um ano. Nem sempre, isso é possível – alguns conseguem a liberdade, outros progridem de regime e outros, ainda, são contemplados com postos de trabalho e não podem mais participar.

Antes de começarmos a redigir os pareceres, cada uma lê o conjunto de relatórios que irá analisar e marcamos uma reunião para discutir a visão geral que tivemos, para compartilhar as informações de como foi a discussão no clube de leitura a respeito daquelas obras e combinarmos pontos que achamos importante mencionar nos pareceres. Sempre recomendo que, antes de elaborar um parecer específico, releiam

os anteriores para lembrar o que foi dito àquela pessoa e analisar se houve mudanças.

Então, cada uma de nós elabora os seus pareceres. Leio todos, fazendo, eventualmente, pequenas complementações ou alterações, mas tomando cuidado para que cada parecerista tenha também sua marca pessoal respeitada.

Os relatórios só são reprovados quando há indícios de plágio ou quando estão vagos e genéricos demais, de modo que não é possível aferir a leitura. Essa decisão é tomada junto à coordenação do projeto.

Em regra, todos são aprovados, porque todos leem e conseguem fazer relatórios que atendem aos critérios de aprovação. Ao longo destes dois anos e meio, foram elaborados 660 relatórios e apenas 9 reprovados – ou seja 1,3%.

O parecer tem basicamente duas partes. Uma objetiva (e obrigatória) – que segue os parâmetros da Portaria da FUNAP e a orientação da Resolução do CNJ – e outra dissertativa, que, em tese, seria apenas para observações complementares, mas foi justamente o espaço que encontramos para tornar o parecer um instrumento formativo. Nesse espaço, estabelecemos um diálogo com o leitor (do livro) autor (do relatório), explicamos nossas marcações na parte objetiva, destacamos passagens do texto dele que apreciamos e justificamos, recomendamos algo que ele pode fazer para tornar o relatório mais completo e, sobretudo, mais autoral. É importante destacar que o parecer não é, em hipótese alguma, uma correção do relatório – seu teor é formativo e dialógico.

A forma de nos comunicarmos é técnica, pois elegemos aspectos da escrita deles para comentar, mas, ao mesmo tempo, é pessoal, já que buscamos nos expressar em uma linguagem clara, acolhedora e encorajadora. Ainda que possamos escrever trechos semelhantes para um ou outro interlocutor, o parecer é pessoal e intransferível – foi escrito sobre aquele determinado relatório, para aquele determinado autor do relatório.

Temos alguns propósitos com isso. O primeiro, é tornar o momento de escrita do relatório menos angustiante e, se possível, até prazeroso. Saber que há leitoras atentas ao seu texto muda a atitude do escritor frente à escrita – pode lhe dar ânimo, no sentido mais original da palavra, alma, e, assim, deixar de ser apenas uma produção burocrática. Também buscamos, em consonância com os clubes de leitura, torná-los melhores leitores. Se, por um lado, as discussões que ocorrem durante o clube costumam permear os relatórios, por outro, reflexões sobre os personagens e suas participações na trama ou sobre como o/a autor/a constrói um narrador, por exemplo, ampliam as possibilidades de apreciação literária. Por fim, pretendemos que se tornem escritores melhores e mais autorais, que encontrem sua própria voz e estilo, e saibam dispor disso para escrever textos que lhes agradem.

Que tal examinarmos alguns exemplos?

Livro: *Campo geral*, de Guimarães Rosa

Trechos do relatório:

COMO ERAM VENDIDOS PARA TRAZER RECURSOS PARA A CASA. SEU IRMÃO MAIS NOVO, DITO ERA CONSIDERADO POR TODOS COMO O MAIS "SABIDO" ENTRE TODOS OS IRMÃOS, POIS SEMPRE TINHA UM

Relatório de leitura: conte-nos sua compreensão a respeito do livro lido. (continuação)

BOM POSICIONAMENTO ACERCA DOS ACONTECIMENTOS E TAMBÉM BOAS RESPOSTAS AOS "DILEMAS INFANTIS" QUE EXPERIMENTAVA, MUITAS VEZES NEM SEMPRE "INFANTIS", MAS DILEMAS. NO DECORRER DA TRAMA MIGUILIM DEMONSTRA QUE DITO É A SUA PRINCIPAL REFERÊNCIA NA VIDA E AMBOS FAZEM UMA JURA DE NUNCA SE ABANDONAREM, DE LUTAR E CRESCER JUNTOS, COMO AMIGOS, PORÉM DITO SOFRE UM ACIDENTE E ACABA MORTO, DEIXANDO A MIGUILIM A INCUMBÊNCIA DE SOBREVIVER A QUALQUER CUSTO OS PRAZERES E DISSA-

Trechos do parecer:

Prezado A.,

Foi um prazer ler seu relatório. Você consegue, nas poucas linhas destinadas a isso, trazer o essencial da história, faz uma análise de aspectos subjacentes a ela e, além disso, menciona como o texto é escrito e relaciona-o com outro texto. Ou seja, está bem completo.

Você inicia o texto apresentando o cenário em que se dá história e, em seguida, opta por dar ênfase ao personagem Dito e sua relação com o protagonista. Gostei da maneira pela qual caracterizou Dito e sua relação com Miguilim, destacando peculiar sabedoria do primeiro “pois [ele] sempre tinha um bom posicionamento acerca dos acontecimentos” bem como a forte influência que exerce sobre o segundo, ao qual, depois da morte do irmão, ficaria “a incumbência de sobreviver a qualquer custo aos prazeres e dissabores da vida”.

(...)

Espero continuar lendo esses excelentes relatórios feitos por você nas próximas leituras!

Parabéns!

Um abraço,

Parecerista 1

Livro: A República luminosa, de Andrés Barba
Trechos do relatório:

Relatório de leitura: conte-nos sua compreensão a respeito do livro lido.

O livro República Luminosa de Andrés Barba é uma narrativa com seus personagens principais diretor serviço social sua mulher maia e sua filha maia e a cadeira maia toda história é uma lembrança dos acontecimentos da aparição de um grupo denominado as 32 crianças na cidade fictícia de São Cristóbal, os eventos de correntes convergência com grupos e sociedade São Cristóbal Para Visão em

do diretor serviço social narra chegada São Cristóbal a descendo como cidade tropical nelva verde em contrastes com solo vermelho sua promoção Ancaja tanta sua vida rotineira, Ele foi São Cristóbal Para fazer Programa unidade indígena não mas aparição do grupo 32 crianças mudada narrativa, Um grupo de crianças e adotantes filhos dos cidadãos do país vivem escondidos nos esgotos e maia e vom furtos, roubos (Assinatos) Assasimatos, a cidade achava que eles se escondiam na selva e chefe da polícia os perseguiu sem resultados após varias buscas junto população local encontraram timales membros grupo "Seramim Valdes" que foi tortura do e entregou esgotos e maia nos esgotos onde tentativa de capturar o grupo causou a morte de todos membros após tentativa de se esconder na interior dos esgotos

Esta obra ficção retrata realidade grupos são limitados até causam algum problema com sociedade a partir de viver do torna prioridade, entre tanto é uma obra com escrito muito técnica e está gastel e boca pentagonar e maia objetos
 Refletores que era abriga grupo 32 crianças dai sala República Luminosa, a crítica da tivu imperam da sociedade com aqueles grupos margem da sociedade e Ho pacifica posteriormente tentar representalos por meio memengens.

Trechos do parecer:

Olá X.

Seu relatório está bem completo, pois traz os pontos principais do enredo, os personagens principais e alguns dos secundários, apresenta o cenário onde se passa a trama sem deixar de dizer que é uma cidade fictícia e ainda faz a observação sobre a história ser contada a partir de lembranças. Muito bom!

Especialmente bonito o trecho que você escolheu para descrever o local a partir do contraste trazido pelo narrador entre a selva verde e tropical e o chão de terra vermelha de sua terra de origem. (...)

Seu parágrafo final em que você escreve que a obra é de ficção, mas “retrata a realidade de grupos que são ignorados até que causem algum problema” está ótimo, assim como a apreciação crítica que você fez afirmando que o livro é escrito “com muita técnica” – queria que você tivesse tentado desenvolver este ideia: o que chama de “técnica”?

Percebo que seus relatórios estão cada vez melhores: as ideias estão mais claras, a articulação entre uma parte e outra do texto também. Siga assim!

Parabéns pelo texto

Abraço,

Parecerista 2

Como se pode notar, não há menção a erros ortográficos, gramaticais ou de concordância. Valorizamos o cuidado na construção do discurso, a autonomia do pensamento, a capacidade de expressão de ideias e sentimentos de forma original. Valorizamos a leitura que fazem do texto – a capacidade de olhar a obra literária a partir de suas próprias experiências, relacioná-la com a sua trajetória de vida, com outras leituras, com acontecimentos cotidianos ou não –, tornando o relatô-

rio, assim como a leitura, únicos. Buscamos sempre apontar os trechos mais autorais e, quando recomendamos algo que podem aperfeiçoar, indicamos o caminho.

O parecer é aguardado e lido com muita atenção. A cada lote de relatórios, percebemos as mudanças individuais, a atenção àquilo que foi dito no parecer anterior. Vamos conhecendo um pouco mais de cada um e buscamos sempre dizer algo relevante e pessoal. No espaço prisional, em que a identidade e a autonomia vão sendo apagadas, isso não é pouco.

Por fim, creio que quando transformamos a escrita do relatório e o parecer em textos significativos – com propósito, leitores, função comunicativa –, não deixamos de cumprir a função burocrática de atestar a leitura, mas vamos além, tornando o processo em um espaço de diálogo, trocas, aprendizagens e vínculo. É muito!

Claudia Rosenberg
Aratangy



Formada em Educação Física pela USP, em Direito pelo Mackenzie, tem mestrado em função social do Direito pela FADISP no tema remição de pena pela leitura. Atuou por mais de 30 anos na elaboração e na gestão de projetos e políticas públicas de educação. Atualmente é advogada criminalista, abolicionista penal e mediadora de leitura. É também formadora de mediadores e coordenadora de pareceristas do *Remição em Rede*, que faz clubes de leitura em prisões.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

GOVERNADOR
Tarcísio Gomes de Freitas

VICE-GOVERNADOR
Felício Ramuth

SECRETÁRIA DE ESTADO DA CULTURA, ECONOMIA
E INDÚSTRIA CRIATIVAS
Marília Marton

SECRETÁRIO EXECUTIVO
Marcelo Assis

SUBSECRETÁRIO
Daniel Scheiblich Rodrigues

CHEFE DE GABINETE
Vicenzo Carone

DIRETORA DE DIFUSÃO, FORMAÇÃO E LEITURA
Jenipher Queiroz de Souza

COORDENADORIA DE PLANEJAMENTO
DE DIFUSÃO E LEITURA
Tatiana dos Santos

SISEB
Ediana Borges Lima

SP LEITURAS

Associação Paulista de Bibliotecas e Leitura

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Valéria Martin Valls | Presidente

Afonso Borges

Flavio Mendes Bitelman

João Francisco Romero de Gouveia Conde

Representante dos funcionários

Maria de Lourdes Ortiz Galdini Baldan

Marino Lobello

Ricardo de Medeiros Ramos Filho

CONSELHO FISCAL

Arnaldo Spindel

Marisa Barros de Moura

Plinio Silveira Correa

EQUIPE

Diretor executivo

Miguel Martin Gutierrez Filho

Superintendente técnica

Giovanna Sant'Ana

Superintendente administrativo-financeira

Silmara Novo

Gerente de Programas e Projetos

Vanessa Pereira de Sousa

Gerente de Acervo

Adriana Luccisano

Gerente de Comunicação e Marketing

Evelyn Fonseca de Souza

Gerente administrativo-financeira

Andresa Gomes Martins

Gerente de TI

Marcos Moreira Oliveira Coelho

Gerente de Infraestrutura

João Francisco Romero de Gouveia Conde

Coordenadora de Programas e Projetos

Melissa Lenz

Coordenadoras de Acervo

Leticia Fagiani

Leticia Rolim Albuquerque

Coordenador de Atendimento e Mediação

Wellington da Silva Custódio

Coordenadora de Relações Institucionais

Ananda Stücker

Coordenadora Executiva

Leticia Mattos Cerciari